



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ROSIELLE DE JESUS SANTOS

**HIPERTEXTUALIDADE E GÊNEROS TEXTUAIS: NOVAS FORMAS
DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA INTERFACE DAS
TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)**

Salvador
2011

ROSIELLE DE JESUS SANTOS

**HIPERTEXTUALIDADE E GÊNEROS TEXTUAIS: NOVAS FORMAS
DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA INTERFACE DAS
TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Pedagogia,
Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como
requisito parcial para a conclusão de curso.

Orientadora: Prof^ª Raquel Nery Bezerra
Co-orientador: Prof^º Menandro Ramos

Salvador
2011

ROSIELLE DE JESUS SANTOS

**HIPERTEXTUALIDADE E GÊNEROS TEXTUAIS: NOVAS FORMAS
DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA INTERFACE DAS
TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção da Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em _____ de dezembro de 2011.

Banca Examinadora

Prof^a Raquel Nery Bezerra (Orientadora)

Prof^o Menandro Ramos (Co - orientador)

Prof^a Dra. Dinéa Maria Sobral Muniz

Dedico à Deus que me proporcionou
mais uma conquista.

À minha mãe, a quem amo muito,
pelo investimento e companheirismo.

E à minha avó materna (*in memoriam*),
pelos sábios ensinamentos.

AGRADECIMENTOS

“(…) Não tenho palavras pra agradecer Tua bondade.
Dia após dia me cercas com fidelidade.
Nunca me deixes esquecer, que tudo que tenho,
tudo que sou e o que vier a ser,
vem de Ti Senhor .”

Primeiramente agradeço ao meu Mestre, Pai e Amigo Fiel: Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, pois foi Ele quem me instruiu para escolha dessa profissão, me revelando os seus propósitos e me capacitando diariamente.

Agradeço em especial, à minha mãe e melhor amiga, Rita, pelo amor, pela renúncia, pela intercessão diária, pela confiança, por estar ao meu lado em todo o tempo dizendo: “Você vai conseguir minha filha...”, e pelo grande investimento nesse sonho que se tornou realidade. Te amo mãe!

Aos meus familiares, em especial meus tios Nélio e Terezinha, Rone e Damares, pela atenção, apoio e investimento. A minha avó materna, Eulália (*in memoriam*), pelo exemplo de vida e pelos indispensáveis ensinamentos.

Às minhas amigas e “tias de consideração”: Arlene, Eunice, Moizés, Sônia e Zenaide, pelos sábios conselhos e pela intercessão.

Agradeço com muito carinho à minha amiga e orientadora Prof^a Raquel Bezerra, pelo aprendizado, pela paciência, pelo incentivo e por acreditar no meu potencial. Ao meu co-orientador Prof^o Menandro, pela presteza e dedicação.

Aos sujeitos da pesquisa, Isabela Lopes, Ivana Piscilla e Gabrielle Sá, pela compreensão, participação e compromisso com este trabalho.

A todos os meus amigos, em destaque, Alan Ferreira, Danilo Batista, Fabiana Reis, Flávia Reis e Rodrigo Batista, por terem me dado força durante esse percurso.

Aos meus parceiros de grupo da turma 2007.2, que me acompanharam durante todo o curso de Pedagogia: Anderson, Conça, Jamile, Roberta e Rosângela. Aquele abraço!

Aos professores que marcaram minha trajetória na Universidade Federal da Bahia: Alessandra Assis, Lúcia Rocha, Maria Couto, Robinson Tenório e Sandra Marinho.

Não devemos esquecer das nossas origens! Portanto, agradeço aos meus diretores do Colégio Ello, Jamil Otto e Moacir Brum, pelo incentivo e investimento durante a minha trajetória escolar.

E finalmente, agradeço a todos que me ajudaram direta ou indiretamente para o desenvolvimento deste projeto. Um **MUITO OBRIGADA** a todos vocês!

O texto, enquanto se faz, é parecido com uma renda [...] que nasceria diante de nós sob os dedos de uma rendeira: cada sequência engajada pende como o bilro provisoriamente inativo que espera enquanto seu vizinho trabalha; depois, quando chega sua vez, a mão retoma o fio, o traz de volta ao bastidor; e à medida que o desenho vai se completando, cada fio marca seu avanço por um alfinete que o retém e que se desloca aos poucos (BARTHES, 2004).

RESUMO

Esta monografia, de cunho bibliográfico e inspiração etnográfica, objetiva analisar a hipertextualidade e os gêneros textuais como novas formas de construção de sentidos, através da emergência de outros gêneros textuais na interface das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Na realização dos estudos dos autores selecionados, como, Bronckart(1999), Coscarelli(2006), Lévy(2009), Marcuschi (2010), Ramal (2002), Bonilla (2007), entre outros, buscou-se investigar e discutir as possibilidades dessas novas formas de construção de textos no contexto das TIC, a partir do imbricamento entre hipertextualidade e gêneros textuais, tendo como fio condutor o *weblog(blog)*, que é inserido nesse contexto, como um gênero textual emergente, dispendo de um potencial formativo quanto a exploração de novas práticas pedagógicas, sejam elas como “recurso” ou como “estratégia”. Para tanto, primeiro analisa-se a ascensão da hipertextualidade no contexto digital, fazendo-se um apanhado das diversas concepções existentes dadas por diversos autores. Em seguida, faz-se uma análise sobre o *weblog(blog)*, seu conceito, suas dimensões de leitura/escrita e suas possibilidades educacionais. Por fim, realiza-se uma apresentação e uma análise de dados, baseadas na aplicação de questionário, onde os sujeitos da pesquisa descrevem sua compreensão e relação com o *blog*, no espaço acadêmico e seus desdobramentos. Conclui-se que a hipertextualidade e os gêneros textuais, possibilitam no campo educacional, novas práticas pedagógicas, capazes de desenvolver o potencial formativo dos alunos e dos profissionais da Educação.

Palavras-chave: Hipertextualidade; Gêneros textuais, Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Página inicial do sistema Blogger.	28
Figura 2	Página de postagens do sistema Blogger	29
Figura 3	Página de templates do sistema Blogger	30
Figura 4	Página do painel do sistema Blogger	31
Figura 5	Representação esquemática da exploração dos blogs como recurso ou como estratégia pedagógica.	35
Figura 6	Representação esquemática das explorações educacionais dos blogs, centradas na vertente de “recurso pedagógico” e na vertente de “estratégia pedagógica”.	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Representação esquemática dos gêneros emergentes e os gêneros já existentes	42
-----------------	---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A HIPERTEXTUALIDADE E A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS NA INTERFACE DAS TIC	12
2.1	Entre textos e hipertextos: gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital	18
3	BLOGS (WEBLOGS) NA EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO NOVOS ESPAÇOS DE INTERAÇÃO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	25
3.1	Do conceito à terminologia	25
3.2	Exposição dos blogs e suas dimensões de leitura/escrita	32
3.3	Tecendo possibilidades educacionais	33
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	48
	APÊNDICE A – Questionário aplicado ao Estudante X	50
	APÊNDICE B – Questionário aplicado ao Estudante Y	56
	APÊNDICE C – Questionário aplicado ao Estudante Z	61

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia, resultado do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, tem por título: *Hipertextualidade e os gêneros textuais: novas formas de construção de sentidos na interface das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)*. Tem como objetivo geral analisar e discutir as novas formas de construção de sentidos que a hipertextualidade e os gêneros textuais possibilitam no campo educacional, visando desenvolver um potencial formativo dos alunos e dos profissionais da Educação.

A escolha do tema quase sempre passa por impressões e interesses que nos tocam de alguma forma. Este estudo sobre a hipertextualidade e os gêneros textuais, como uma nova construção de sentidos na interface das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), mediante a teoria do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), não foge à regra.

Esta pesquisa está diretamente ligada aos caminhos e espaços que percorri dentro da Universidade Federal da Bahia. No período de 2009-2010, tive o privilégio de participar do Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologia (GEC) da Universidade Federal da Bahia, como bolsista PIBIC pelo Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNPQ) esta experiência foi muito enriquecedora para minha formação, desenvolvi um plano de trabalho sob a orientação da Prof^a Dr^a Alessandra Assis, abordando as possíveis contribuições das tecnologias digitais para o processo de iniciação à docência entre estudantes dos cursos de Licenciatura na UFBA, mais precisamente os alunos bolsistas do Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência da UFBA (PIBID). Durante a pesquisa tive a oportunidade de conhecer mais sobre as TIC, suas implicações, características, especificidades...foram preciosas descobertas de um novo mundo, o mundo da Cibercultura. Desse modo, essa temática foi se consolidando e gerando mais inquietações sobre este campo.

No meu 6º semestre, tive o prazer de cursar a disciplina optativa Metodologia da Língua Portuguesa, lecionada pela Prof^a e mestre em Letras, Raquel Bezerra, a partir daí a temática linguagem também foi ganhando seu espaço em minhas pesquisas, tanto como o discurso, quanto as teorias interacionistas sociodiscursivas, possibilitando assim uma inter-relação..

A referida mídia digital associada à rede tem assumido um papel importante nos diferentes setores da vida moderna, redefinindo as diferentes maneiras de interação social

tanto para fins de entretenimento e comunicação quanto para fins de propagação e aquisição de bens e serviços. Essa nova conotação incorporada às relações sociodiscursivas do cotidiano tem sido alvo de estudos linguísticos que investigam a evolução social em seu aspecto linguístico-comunicativo. O espaço cibernético, através dos softwares sociais, tem possibilitado a efetivação de ações há décadas atrás inimagináveis. Mesmo estando em lugares distintos e/ou longínquos a comunicação ocorre de forma rápida e eficaz. Para tanto, faz-se necessário além do acesso a essa ferramenta, o domínio de suas peculiaridades, exigindo-se do internauta competências e habilidades típicas do mundo digital. Assim sendo, as interações humanas estão se moldando e adquirindo um visível “caráter virtual”.

Eis então, o desafio de construir um trabalho que se localiza do ponto de vista disciplinar numa interface entre duas áreas do conhecimento: Linguagem verbal, na perspectiva dos gêneros textuais e Tecnologias de Informação e Comunicação, sendo que a hipertextualidade constitui-se como “ponte” entre os dois campos e tendo como prática no contexto universitário o uso do “blog”, seja ele na perspectiva de “estratégia pedagógica” ou como “recurso ” pedagógico, que como exercício da escrita, possibilita a efetiva realização das etapas que a caracterizam, como rascunho, edição, organização, pré-escrita, leitura da prova, publicação e revisão, uma vez que os alunos podem e devem, primeiramente, produzir um rascunho dos seus *posts*. A divisão de protagonismo não foi tarefa fácil, porém possível e prazerosa, devido a sua complexidade .

O presente trabalho encontra-se fundamentado em estudos e trabalhos de autores que pensaram e discutiram a questão da hipertextualidade, dos gêneros textuais e dos blogs como Bronckart(1999), Coscarelli(2006), Lévy(2009), Marcuschi (2010), Ramal (2002), Bonilla (2007). Este trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro capítulo aborda a hipertextualidade e a construção de conhecimentos na interface das TIC, o segundo capítulo refere-se aos blogs (weblogs) na educação: construindo novos espaços de interação na práxis pedagógica, na qual são explorados tecendo possibilidades educacionais e o terceiro é uma exposição e análise de dados onde os sujeitos da pesquisa descrevem sua compreensão e relação com o *blog*, no espaço acadêmico e os seus desdobramentos na sua formação.

2 A HIPERTEXTUALIDADE E A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS NA INTERFACE DAS TIC

Nas sociedades da oralidade primária, os interlocutores partilhavam o mesmo contexto e na era da escrita surgia a possibilidade de distanciamento entre a produção do texto e o momento da recepção nos mais diversos contextos, situações e épocas. Todo esse longo e complexo percurso da história demonstra que cada vez mais, tanto a percepção do tempo quanto a percepção da dinâmica cronológica, vêm se transformando. Ramal (2002) explicita essa ideia, em suas palavras:

Do horizonte do eterno retorno da época das narrativas e da noção de linearidade possibilitada pela cultura letrada, passamos a uma percepção do tempo, mais do que como linhas, como pontos ou segmentos da imensa rede pela qual nos movimentamos (RAMAL, 2002, p. 80)

Atualmente, vivemos a chamada *sociedade em redes* (CASTELLS, 1999), estejamos ou não conectados a computadores e à internet, tendo em vista a interdependência entre diversas áreas e setores, sejam eles sociais, culturais e econômicos. Segundo Ramal (2002), a situação da pragmática da comunicação está irremediavelmente transformada, ou seja, adentramos no que Pierre Lévy (1998) denomina de *terceiro pólo do espírito humano* : o pólo informático-mediático. É perceptível que a produção de conhecimentos, conceitos, valores e saberes têm sofrido radicais modificações no seu conteúdo e até mesmo quanto à forma como vêm sendo produzidos, devido à (re)significação das relações entre as pessoas e as máquinas, impulsionadas pela “onipresença” dessas Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC).

A palavra “rede” vem do latim *retis*, que significa entrelaçamentos de fios com coberturas regulares que formam uma espécie de tecido. Pelo fato de que, entender os princípios que caracterizam a estrutura de rede, fortalece uma perspectiva de análise na qual os sujeitos ocupam um espaço significado de poder (PRETTO, 2008). Os computadores em rede, em especial, a rede internet, são meios que permitem a simulação, a comunicação e a difusão de conhecimentos e informações, “são redes de interfaces abertas às novas conexões, imprevisíveis, que podem transformar radicalmente seu significado e seu uso” (LÉVY, 1999,

p. 203). Sendo assim, forma-se um novo espaço de comunicação, o ciberespaço, que é definido como o espaço de comunicação aberto, pela interconexão mundial dos computadores e de suas memórias, estruturando-se uma nova forma de pensamento, um novo gênero de saber, uma nova cultura, a chamada cibercultura, que proporciona um novo espaço de leitura e escrita, onde as letras concretas e palpáveis se transformam em *bites* digitais, a página em branco é o campo do monitor e a pena é o teclado.

As dimensões de criação, produção e difusão de ideias são potencializadas pelo modo como as diferentes culturas se manifestam e operam na sociedade, podendo se constituir naquilo que o filósofo francês Pierre Lévy (1993) chama de *inteligência coletiva*, dinâmica e operante. Nesse contexto, a apropriação da cultura digital passa a ser fundamental, uma vez que ela já indica intrinsecamente um processo crescente de reorganização das relações sociais, na qual estão contidas as reorganizações da língua escrita e falada.

A noção de hipertexto, no contexto da informática, surgiu na década de 1940, nos Estados Unidos, nas discussões do matemático Vannevar Bush e o termo *hipertexto* surge nos anos 60, aproximadamente vinte anos depois, por Theodor Holm Nelson, também nos EUA, para definir a idéia de escrita e de leitura não-lineares em sistemas de informática. Os estudos deste pesquisador explicam que a escolha do termo foi orientada pela conotação positiva do prefixo *hiper*, que pode assumir em certas ciências, o sentido de “extensão e generalidade, como no hiperespaço matemático.”(NELSON apud MARCUSCHI, 1999, p. 42-43). O projeto Xanadu¹ foi o primeiro sistema hipertextual colocado em prática na Brown University. Segundo Pretto (2006), o hipertexto era um conceito unificado de idéias e de dados interconectados, de modo que esses podiam em editados em computador editados em computador, ou seja, tratava-se de uma instância que colocava em evidência tanto um sistema de organização de dados, quanto um modo de pensar. Conforme o próprio criador do termo, hipertexto é uma escritura não sequencial, um texto que permite que o leitor faça escolhas simultâneas e o leia bem em uma tela interativa.

Esse novo espaço de comunicação, que apresenta como características básicas a hipertextualidade e a interatividade, comporta outras características que dão a especificidade da nova cultura: a virtualidade, a não-linearidade, a multivocalidade, o tempo real e a simulação.

¹ *Xanadu* “[...] enquanto horizonte ideal ou absoluto do hipertexto, seria uma espécie de materialização do diálogo incessante e múltiplo que a humanidade mantém consigo mesmo e com seu passado.” (LÉVY, 1993, p. 29).

O hipertexto é dinâmico e está em permanente movimento. Bonilla (2005), tomando por referência o filósofo francês Pierre Lévy, apresenta seis princípios que o caracterizam: 1) Metamorfose – uma rede hipertextual está em constante construção e renegociação; sua extensão, composição e desenho estão sempre abertos para os atores envolvidos. 2) Heterogeneidade – o hipertexto comporta e associa de todas as formas imagináveis uma gama de elementos, os mais variados possíveis (imagens, sons, palavras, sensações, modelos, conexões lógicas, pessoas, grupos, artefatos, mensagens multimídias, digitais, entre outros). 3) Multiplicidade e encaixe das escalas – o hipertexto se organiza de modo “factual”, ou seja, qual quer que seja o nó ou conexão pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede, indefinidamente; 4) Exterioridade – a rede não possui unidade orgânica nem motor interno, sua composição e recomposição permanente depende de um exterior indeterminado (adição de novos elementos, conexões com outras redes); 5) Topologia – no hipertexto tudo funciona por proximidade, por vizinhança; o curso dos acontecimentos é definido pelos múltiplos caminhos trilhados; 6) Mobilidade dos centros – a rede não tem um centro, possui diversos centros, móveis, que saltam de um nó a outro, num constante configurar e reconfigurar de mapas.

Sendo assim, a hipertextualidade², como pano de fundo de novas práticas pedagógicas, apresenta multiplicidade de conexões, interatividades, incertezas, diversidade, não-linearidade, como metodologia educacional, tendo uma forma dinâmica e contextualizada de conceber os ambientes de aprendizagem, auxiliando uma compreensão do já estabelecido na chamada sociedade de informação, que implica em descobertas, explorações e interações sociais.

A navegação na Web está baseada nas indexações e associações de idéias e conceitos organizados sob a forma de *links*, os quais agem como portas virtuais que abrem caminhos para outras informações. Além de se inter-relacionar à informação, sabe-se qual é o lugar dele numa espécie de hierarquia da estrutura de navegação; “essa ordenação não é rígida, permitindo que sejam percorridas livremente as intercessões e as diversas interfaces - sugeridas ou não – da árvore de saberes.” (RAMAL, 2002, p.162). Entretanto, é importante considerar que esses *links*, disponíveis ao leitor do hipertexto, não são infinitos, mas foram predefinidos pelo produtor daquele material, no qual revela sua intencionalidade e ideologia. Explicita Ramal (2002) em suas palavras:

² A hipertextualidade é uma propriedade da linguagem concebida como um sistema adaptativo complexo (SAC) Ele não se manifesta apenas no contexto virtual, mas em outros textos cujo suporte é o papel impresso . (MENEZES; NASCIMENTO, 2009)

O hipertexto se caracteriza pela efemeridade de suas manifestações e representações, decorrentes da própria maleabilidade do digital; pela ausência de limites ou partes bem-definidas; pela interconexão multilinear de suas partes (nós) formando redes; pela fragmentação das leituras sucessivas que provoca, por ser constituído por grande quantidade de textos não-verbais que se articulam como palavras; e pela disponibilidade dos diversos fragmentos, sejam eles imagens, informações relacionadas, ou mesmo componentes de outros textos para acesso quase imediato. (RAMAL, 2002, p.87).

Diante da relevância da existência dos *links* na construção de sentido nos hipertextos, pode-se dizer que eles promovem ligações entre blocos informacionais – fragmentos de textos, parágrafo, endereçamento etc. – conhecidos como “nós”. No entanto, estes blocos não necessitam estabelecer uma relação sêmica entre si, ou seja, as ligações possíveis não formam necessariamente a tessitura daquele texto específico, mas oportunizam outros textos, que devem ser selecionados com rigor, visando o aprofundamento ou complementação das informações contidas no texto. Portanto, a visualização da arquitetura do texto virtual conduz à compreensão do hipertexto como um “mapeamento de associações possíveis entre textos” (CAVALCANTE apud MARCUSCHI, 2002, p. 203). Isto é, a tessitura textual funcionaria como uma representação das redes de sentido que são estabelecidas na leitura de qualquer texto. Os links seriam as representações dessas redes, que o autor propositalmente apresenta ao leitor, como estratégia de marcar seu próprio percurso, seu estilo, sua história, seu lugar de autoria, trilhando e delineando possíveis caminhos para o leitor poder perseguir sua(s) leitura(s), o exercício da sua autonomia e da sua criatividade.

A liberdade do leitor no hipertexto, por sua vez, não é tão infinita quanto parece, pois, assim como para com todos os outros textos e gêneros textuais existe um pré-requisito quanto à sua organização e à maneira como deve ser lido, a leitura de hipertextos também exigirá do leitor habilidades de navegação no seu formato específico. A leitura de qualquer texto, incluindo hipertextos, envolve sempre a construção de uma representação baseada nas informações verbais e não-verbais contidas no texto. Para isso, o leitor percorrerá um processo que implica ativar as informações na sua memória, considerar o contexto sócio-comunicativo, selecionar, relacionar e modificar informações, a fim de construir uma representação coerente.

Contrariamente a possíveis usos domesticadores ou limitadores da articulação palavra/imagem e texto(s)/leitura(s), Ramal (2002) propõe uma compreensão do hipertexto

como a tecnologia na qual se potencializa uma subversão das categorias típicas da cultura escrita linear. Segundo o autor, é como se o hipertexto digital, construído por muitas mãos e aberto para todos os links e sentidos possíveis, fosse uma espécie de versão contemporânea da polifonia bakhtiniana. Sendo assim, a possibilidade de subversão se estabelece em cinco dimensões: na relação ao monologismo, na relação entre autor e leitor, em relação à linearidade, à forma e quanto à postura física do leitor.

Quanto ao monologismo, prevalece a idéia de que quando se constrói um hipertexto, a chave do trabalho é a busca pela compreensão daquele conteúdo, de antemão como algo que será uma espécie de diálogo, no sentido de que assim como o leitor tem a alternativa de navegação, o autor já deve modular tudo o que diz, em função das possíveis alternativas que vai escolher; “É como se fosse um passo de dança”, explica Ramal (2002) na sua definição de hipertexto:

Um hipertexto é uma reunião de vozes e olhares : construídos na soma de muitas mãos e aberto para todos os links e sentidos possíveis, surge como a materialização de uma nova forma de negociação dos sentidos e de construção coletiva do pensamento. As várias textualidades, feitas de palavras, imagens e sons, se integram, concorrem por uma mesma teia multivocal. (RAMAL, 2002, p.171)

O hipertexto também é subversivo na relação entre autor e leitor, devido a oportunização de cada leitor reinventar a “dança” descrita, através de múltiplos percursos sempre pessoais aos quais ele se entrega conduzindo, ao mesmo tempo, o próprio ritmo e os seus compassos. Permanentemente, o cursor do mouse está presente no texto do monitor, sinalizando que, no momento em que desejarmos, poderemos invadi-lo, alterá-lo, optando por outras vias ou até mesmo reescrever seus caminhos. “Já existem programas eletrônicos que não só trazem o livro com o tipo de letra desejado pelo leitor, como também possibilitam a criação de notas, comentários e desenhos no corpo do texto – são os *e-books*”. (RAMAL, 2002, p.172). Contudo, subverte-se a noção de autoria, pois se há presentes multidimensionais na construção individual quanto ao seu percurso, será necessário rever as compreensões de originalidade.

O hipertexto também é subversivo em relação à linearidade. Nessa nova interface, a linearidade sofre um momento de declínio, uma vez que “agora que ler é mergulhar nas

malhas da rede, é perder-se é - por que não? – libertar-se dos caminhos proibidos que o monologismo havia colocado em segundo plano” (RAMAL, 2002, p.173). O suporte digital passa a questionar³ o modo de leitura típico do livro – da esquerda para direita (ao menos no ocidente), de cima para baixo; sem margens, sem início, nem fim, sem percurso estabelecido e consumado por antecipação, cada texto acaba por proporcionar desdobramentos mediadores. O fim, muitas vezes é o próprio link.

Diante da ampliação dos recursos expressivos tanto do texto escrito na possibilidade de articular imagens, palavras e sons, quanto da oralidade, devido à modificação decorrente de suas condições, na medida em que acrescenta à fala e à narração há possibilidade de vínculo com a palavra escrita e as ilustrações, portanto, nota-se a subversão do texto em relação à forma. É válido ressaltar que ainda ocorre uma subversão na hierarquia interna do texto, pois segundo Ramal imagens falam, muitas vezes mais do que palavras. A ilustração conquista o espaço da mensagem, pois outras formas (imagem e som) ganham o status de “linguagem” e, portanto, invadem o espaço do significante escrito para tornar-se, também elas, novos textos, concebidos com diferentes modelos e igualmente relevantes para a comunicação social, isto é, “a imagem disponibilizada na internet e acessada pelo aluno passa a ser também mediadora para o conhecimento do mundo”. (RAMAL, 2002, p. 175).

O hipertexto é subversivo até mesmo em relação à postura física do autor. Ao longo do tempo, foram várias as formas criadas pelo homem para os registros de informações. “Do livro do rolo, que não permitia ler, comparar, alterar e fazer anotações ao mesmo tempo, ao livro encadernado, que permite virar as páginas, mas sempre em sequência, uma após a outra, passamos a um texto totalmente dinâmico e maleável”. (RAMAL, 2002, p. 176). Essa maleabilidade traz a reflexão sobre o digital – trata-se de outro tipo de materialidade. Com isso muda-se a relação com o objeto: o livro e o texto não são mais palpáveis e concretos, mas sim feito de *bites* e ocupam um espaço difícil de definir ou de imaginar. A informatização instaura um novo regime de circulação e de metamorfoses das representações e dos conhecimentos, como prevê Pierre Lévy.

³ Acredito que o questionamento do suporte digital, perpassa a ideia de ampliação e de inovação para com o modo típico de leitura do livro, pois não se pode desconsiderar, por exemplo, que podemos estar na folha 31 de um livro e que não obrigatoriamente partiremos para 32, isso demonstra um caráter de versatilidade que é determinado pelo leitor.

2.1 Entre textos e hipertextos: gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital

Segundo (Koch, 1997), no curso da história, a linguagem humana vem sendo concebida de diversas maneiras, que podem ser sintetizadas em três principais: 1) Como representação (“espelho”) do mundo e do pensamento. 2) Como instrumento (“ferramenta”) de comunicação. 3) Como forma (“lugar”) de ação ou interação.

Na primeira e mais antiga das concepções, nota-se que a linguagem é encarada como um “reflexo” de representação do homem para si e para o mundo. Já na segunda concepção, a língua é considerada como código, neste caso, a principal função da linguagem é a transmissão de informações. E finalmente na terceira concepção que a linguagem é encarada como *atividade como forma de ação, ação* interindividual finalisticamente orientada; como *lugar de interação* que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes. (Koch, 1997, p. 10). A atenção voltou-se, especialmente em países europeus (tomou-se como exemplo a França, a Inglaterra, a Alemanha), para a *linguagem enquanto atividade*, para as relações entre a língua e seus usuários e, portanto, para a ação que se realiza *na e pela* linguagem. Nesse sentido, a *linguística pragmática*, vai conquistando seu espaço, e é nesse contexto, que são criadas condições propícias para o surgimento de uma *linguística do discurso*, isto é, uma linguística que se ocupa das manifestações lingüísticas produzidas por indivíduos concretos em situações concretas, sob determinadas condições de produção. (KOCH, 1997) Isto significa que se torna necessário ultrapassar o nível da descrição frasal, para tomar como objeto de estudo combinações de frases, sequências textuais ou textos inteiros.

De acordo com Machado (2004), a partir de 1980, começou a ser projetada a teoria do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), fundada por Jean-Paul Bronckart e um grupo de pesquisadores da Universidade de Genebra. É uma vertente que se originou a partir do interacionismo social, cujo principal representante é Vygotsky, que defendeu (1984), a tese de que as propriedades específicas das condutas humanas são resultado de um processo histórico de socialização, que só foi possível pela emergência e pelo desenvolvimento da linguagem. Conforme o autor, a abordagem social tem como objetivo:

Caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento das pessoas e elaborar hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida de um indivíduo. (VYGOTSKY, 1984, p. 21).

Essa abordagem também busca apoio em Bakhtin e Volochinov, no que se refere à noção de gênero e à importância da interação verbal respectivamente. Trata-se de uma abordagem que concebe a linguagem como um fenômeno social e histórico, como uma “produção interativa associada às atividades sociais, sendo ela um instrumento por meio do qual os interactantes, institucionalmente, emitem pretensões à validade relativas às propriedades do meio em que essa atividade se desenvolve. (BRONCKART *apud* GOULARTE, 1999).

Segundo Bronckart (1999), o ISD compartilha três princípios do interacionismo social. O primeiro diz respeito à problemática da construção do pensamento humano consciente e o fato de que essa problemática deve ser tratada paralelamente à construção do mundo, dos fatos sociais e das obras culturais. Quanto ao segundo princípio, ele questiona que as Ciências Humanas devem apoiar-se na filosofia (de Aristóteles a Marx) e preocupar-se ao mesmo tempo com questões de intervenção prática. E o terceiro princípio apoia-se nas problemáticas centrais de uma *ciência do humano*, acreditando que elas implicam relações de interdependência entre os aspectos psicológicos, cognitivos, sociais, culturais, linguísticos, e também os processos evolutivos e históricos.

Considerando a ideia defendida por Vygotsky, segundo a qual a linguagem tem papel fundamental no desenvolvimento das funções psicológicas superiores dos seres humanos, o grupo de pesquisadores do ISD dedicou-se ao estudo do funcionamento dos textos/discursos, bem como ao processo de sua produção. Nesse sentido, ISD tem como unidades de análise: a linguagem, as condutas ativas e o pensamento consciente. Bronckart explicita em palavras:

A sua posição epistemológica é interacionista, no sentido de que rejeita qualquer determinismo exclusivo das capacidades próprias do agente (tese que - de fato - é defendida pela posição cognitivista), ao mesmo tempo que recusa qualquer determinismo exclusivo dos pré-construtos sociodiscursivos [*langagières*] (tese que aflora principalmente em alguns textos de Bakhtin). (BRONCKART *apud* GOULARTE, 1999, p. 4)

Para Silva (2000), interatividade é a disponibilização consciente de um modo comunicacional expressivamente complexo, ao mesmo tempo atentando para as interações existentes e promovendo mais e melhores interações – seja entre usuários e tecnologias digitais ou analógicas, seja nas relações “presenciais” ou virtuais entre seres humanos. Portanto a interatividade vai além de interação digital pois a interatividade está na disposição ou predisposição para mais interação, para uma hiper-interação, para bidirecionalidade – fusão, emissão-recepção – , para participação e intervenção.

Tendo em vista que o interacionismo sócio-discursivo está centrado na questão das condições externas de produção dos textos, isso provoca um abandono da noção de “tipo de texto” a favor da de gênero de texto e de tipo de discurso. Neste caso “são os gêneros, como formas comunicativas, que serão postos em correspondência com as unidades psicológicas que são as ações de linguagem.” (BRONCKART apud GOULARTE, 1999, p. 15).

Schneuwly (2006) desenvolve a tese de que “o gênero é um instrumento”, a partir da reflexão de uma passagem da ideologia alemã que compreende a “apropriação” como sendo o desenvolvimento das capacidades individuais correspondentes aos instrumentos materiais de produção. Sendo assim, “a apropriação de uma totalidade de instrumentos de produção é o desenvolvimento de uma totalidade de instrumentos de capacidades nos próprios indivíduos.” (Marx e Engels 1895-1896/1969, p. 67s, apud Schneuwly, 2006).

Mas, de que forma esse instrumento pode ser um fator de desenvolvimento das capacidades individuais? De acordo com Schneuwly (2006), em geral, na psicologia de base cognitivista a atividade do indivíduo é concebida como uma dicotomia: o sujeito de um lado e o objeto de outro; já na perspectiva do interacionismo social, a atividade é concebida necessariamente como tripolar: onde existe o sujeito, o objeto e a ação que é exercida sobre o objeto ou situação. É justamente entre o indivíduo que age e o objeto sobre o qual ou a situação na qual ele age, que se localizam os instrumentos, são eles que determinam seu comportamento, guiam-no, exploram suas possibilidades, afinam e diferenciam sua percepção da situação na qual ele é levado a agir. (SCHNEUWLY, 2006).

Os gêneros são definidos no texto como tipos de enunciados, que são relativamente estáveis, elaborados por cada esfera de troca social, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. A escolha de um gênero implica em alguns critérios como o de finalidade, de destinatários, de conteúdo, em outras palavras, há elaboração de uma base de orientação para uma ação discursiva. “Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos; se tivéssemos de construir cada um de nossos

enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.” (BAKHTIN apud SCHNEUWLY 1953/1979, p.302).

A linguagem é uma das faculdades cognitivas mais flexíveis e plásticas adaptáveis às mudanças comportamentais e a responsável pela disseminação das constantes transformações sociais, políticas, culturais, geradas pela criatividade do ser humano (MARCUSCHI, 2010, p.11). Nesse contexto de tecnologia digital, as inúmeras modificações ocorrentes impactam também o campo da Linguagem, uma das mudanças é o aparecimento de outros gêneros textuais, pode-se dizer “gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital” (MARCUSCHI, 2010, p.15). É válido ressaltar que novidades podem até acontecer, mas com o tempo percebe-se que não era tão novo aquilo que foi dito como tal⁴, pois a maioria deles possuem similares em outros ambientes, tanto na oralidade, quanto na escrita. Com o advento da informática, sobretudo da internet, que representa uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo, vários novos textos aparecem, tornando cada vez mais complexa a tarefa já considerada por Bronckart (1999), de classificar os textos em gêneros e caracterizar cada gênero textual.

Segundo Coscarelli (2006), algumas alterações deveriam ser feitas nas concepções de texto comumente usados na Linguística que podem ter como representante o conceito usado por Costa Val (1991): “Um texto é uma ocorrência de sociocomunicativa, semântica e formal” (COSTA VAL, 1991, apud Coscarelli, 2006, p.3). Diante dessa formulação, esse conceito parece não incluir, recursos não-verbais, uma vez que se limita aos elementos linguísticos e, portanto, verbais. Os hipertextos, por sua vez, normalmente contam ou podem contar com a presença de imagens, ícones, outras marcas (como os *hiperlinks*), as barras de rolagento, diferentes formas de mostrar que com apenas um *click*, sons, gráficos, animações, vídeos, etc., configuram-se como adicionantes de complementação do texto.

Historicamente, contrapondo-se à Línguística Estrutural, surge a Línguística Textual, principalmente na Europa, a partir do final da década de 60, pois ao tentar definir texto, transcende os limites da frase para introduzir o sujeito e a situação da comunicação em seus estudos sobre a leitura e a produção textual; para considerar a relação dialógica que se

⁴ Como os gêneros são históricos e muitas vezes estão ligados às tecnologias, elas permitem que surjam novidades nesse campo, mas são novidades com algum gosto do conhecido. Observem-se as respectivas tecnologias e alguns de seus gêneros: *telegrama*, *telefonema*, *entrevista televisiva*, *entrevista radiofônica*, *roteiro cinematográfico* e muitos outros que foram surgindo com tecnologias específicas. Assim, a tecnologia da computação, por oferecer uma nova perspectiva para o uso de novos suportes da, traz outras possibilidades de inovação. (MARCUSCHI, 2010).

estabelece entre autor e leitor envolvidos no processo de interação que emerge a partir do texto.(Silva, 2008).

Segundo Neto (2006), para que possamos compreender com clareza e refletir sobre as mudanças que o advento do hipertexto provocaria na noção de texto, principalmente quanto ao conceito e a sua unidade semântica, no que se refere ao seu conceito e àquilo que chamamos de unidade semântica, faz-se necessário uma retrospectiva lingüística, para análise das visíveis mudanças. Quanto aos conceitos de texto⁵, considerados significativos nos estudos da Linguística, selecionamos alguns fragmentos:

Todo componente verbalmente enunciado de um ato de comunicação pertinente a um jogo de atuação comunicativa, caracterizado por uma orientação temática e cumprindo uma função comunicativa identificável, isto é, realizando um potencial ilocutório determinado. (SHIMIDT, 1978 , apud NETO 2008, p. 163).

É uma unidade de língua em uso (HALLIDAY e HANSAN, 1976, apud NETO 2008, p.1)

Texto, em sentido amplo, designado toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (uma música, um filme, uma escultura, um poema, etc.), e, em se tratando de linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um sujeito, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou pelo locutor e interlocutor, no caso dos diálogos) e o evento de sua enunciação. (FÁVERO e KOCK, 1983, apud NETO 2008, p.25)

Um texto, (um discurso) é objeto materializado numa dada língua natural, produzindo numa situação concreta e pressupondo os participantes locutor e alocutário. (MIRA MATEUS ET alii, 1983 apud NETO 2008, p. 185)

O produto de uma atividade discursiva onde alguém diz algo a alguém. (GERALDI, 1993, apud NETO 2008, p. 98)

Textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais. (Bronckart, 1992, apud NETO 2008)

Um texto é uma máquina preguiçosa que pede ao leitor para fazer parte de seu trabalho. (ECO, 1994, apud NETO 2008, p. 55)

O texto é ele próprio e o contexto. Portanto, não se define por sua extensão ou por ser um conjunto de elementos lingüísticos [...](SUASSUNA, 1995, apud NETO 2008p. 118)

⁵ Estes fragmentos foram selecionados, entre uma vasta gama de possibilidades, autores representativos da Linguística ou autores que influenciaram os estudos de Linguística Textual no Brasil.

O texto será o resultado, o produto concreto da atividade comunicativa que se faz seguindo regras e princípios discursivos sócio-historicamente estabelecidos que têm de ser considerados. (TRAVAGLIA, 1997, apud NETO 2008, p. 67)

Vou entender o texto como o produto de uma interação, que pode ser do tipo “face a face”, como na LF, ou do tipo “interação com um interlocutor invisível”, como na LE. (CASTILHO, 1998, , apud NETO 2008, p. 55)

O texto é considerado como um conjunto de pistas, representadas por elementos lingüísticos de diversas ordens, selecionados e dispostos de acordo com as virtualidades que cada língua põe à disposição dos falantes, no curso de uma atividade verbal, de modo a facultar aos interactantes não apenas a produção de sentidos, como a fundar a própria interação como prática sociocultural. (KOCH, 1997, apud NETO 2008, p. 26)

Texto não é apenas uma unidade lingüística ou uma unidade contida em si mesma, mas um evento (algo que acontece quando é processado); não é um artefato lingüístico pronto que se mede com os critérios da textualidade; é constituído quando está sendo processado; não possui regras de boa formação; é a convergência de três ações: lingüísticas, cognitivas e sociais. (MARCUCSHI, 1998, s/p).

Um texto é um mecanismo preguiçoso (ou econômico) que vive da valorização de sentido que o destinatário ali introduziu [...]. Todo texto quer que alguém o ajude a funcionar (ECO, 2002, apud NETO 2008, p. 37).

Texto de prazer: é aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: é aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem (SILVA, 2002, p. 20-21).⁶

Analisando as definições de texto apresentadas acima, percebe-se que a característica que se repete não diz respeito aos aspectos formais do texto, mas sim ao caráter de mecanismo de interação ou produto de uma situação de comunicação. Sendo assim, o que se modifica no texto são as formas de manifestação, novos gêneros textuais são criados em função de uma nova interface, novas formas de expressão são utilizadas, antigas são retomadas e/ou conservadas, mas “o texto continua sendo instância enunciativa, contrato entre autor e leitor” (COSCARELLI, 1997, p. 69).

⁶ Ainda segundo Silva, na alternância entra a superfície e a profundidade do texto, o “prazer” e a “fruição”, entrelaçam sua diferença. Pensar as razões do prazer seria penetrar a textura, a forma, o perfume do texto, o ato despreocupado de leitura, o deixar-se levar por, a margem sólida do texto, dizível, portanto, em sua história, tinta, papel, lugar, tempo. (SILVA, 2008, p. 52). Pensar também na fruição, é conduzir o leitor ao fundo texto, possibilitando alteração da sua superfície, devido a presente desconstrução do pré-estabelecido, do codificado.

A propósito de outra característica do texto, na idéia de unidade semântica, percebe-se outra mudança. (KOCH, 1997) explica que, durante o *estruturalismo*⁷, a fonologia e a morfologia tiveram grande desenvolvimento e ⁸que com o advento da teoria gerativa – fundada na obra de Noam Chomsky –, a *sintaxe* veio a tornar-se o centro dos estudos lingüísticos. Diante disso, a semântica, timidamente a princípio, depois com maior vigor, foi acompanhando essa evolução. Sem entrar no mérito da discussão sobre o sentido ser construído pelo leitor e desse sentido não estar no texto ou no hipertexto, a unidade semântica constituiu-se de maneira mutável e cambiante, devido à possibilidade de ser constantemente feita, desfeita e refeita, dependendo dos caminhos que o leitor escolhe para percorrer. Como se pode constatar na definição de hipertexto citada:

Não se trata mais de um texto, mas de uma imensa superposição de textos, que se pode ler na direção do paradigma, como alternativas virtuais da mesma escritura, ou na direção do sintagma, como textos que correm paralelamente ou que se tangenciam em determinados pontos, permitindo optar entre prosseguir na mesma linha ou enredar por um caminho novo. (COSCARELLI apud MACHADO, 1996, p. 64).

Segundo Araujo e Biasi-Rodrigues (2005), o uso da tecnologia digital para ler, escrever e divulgar informações transformou radicalmente a natureza da comunicação escrita e o letramento convencional, introduzindo novos gêneros textuais, práticas discursivas e estabelecendo um novo paradigma nas ciências da linguagem. Dentre os diversos gêneros textuais emergentes deste novo cenário, destacaremos no capítulo 2 os chamados *weblogs* (*blogs*), para uma rica e complexa abordagem numa perspectiva histórica, social, pedagógica e tecnológica no contexto educativo.

⁷ *Estruturalismo*: Corrente linguística fundamentada nos preceitos de Saussure e de seus seguidores, tanto na Europa como no continente americano.

⁸ *Sintaxe* é o estudo das estruturas frasais de uma língua.

3 BLOGS (WEBLOGS) NA EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO NOVOS ESPAÇOS DE INTERAÇÃO NA PRÁXIS PEDAGÓGICA

3.1 Do conceito à terminologia

Na atual sociedade da Informação, a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo (MARCUSCHI, 2010). Os gêneros textuais emergentes nesse novo contexto da tecnologia digital, presentes em ambientes virtuais, são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares tanto na oralidade como na escrita. Dentre os mais praticados, abordaremos em destaque sobre os *weblogs (blogs)*, seu conceito, origem, principais funcionalidades e suas utilizações educacionais.

Os blogs têm uma história própria, uma função específica e uma estrutura que o caracteriza como um gênero, nas peças textuais que albergam. A palavra blog vem da abreviação de weblog – web (tecido, teia, também usada para designar o ambiente de internet) e log (diário de bordo, registro). É um diário *on-line* que permite que os usuários registrem diversos conteúdos, tendo a vantagem da possibilidade de participação direta dos leitores através dos comentários, num espaço público, dinâmico e interativo. São várias as definições sobre blogs, entre elas a de Inagaki (2005, p.1): “é um site regularmente atualizado, cujos posts (entradas compostas por textos, fotos, links, ilustrações) são armazenados em ordem cronologicamente inversa, com as atualizações mais recentes no topo da página”. Segundo Mantovani (2005, p.12), “weblog, ou simplesmente blog, é um tipo de publicação on-line que tem origem no hábito de alguns pioneiros de logar – entrar, conectar ou gravar – à web, fazer anotações, transcrever, comentar os caminhos percorridos pelos espaços virtuais”. O termo weblog parece ter sido utilizado pela primeira vez no final de 1997 por Jorn Barger⁹.

Desse modo, assumimos a acepção mais geral de que um weblog é uma página na Web que se pressupõe ser utilizada com grande frequência através da colaboração de mensagens – que se designam “posts” – constituídas por imagens e/ou textos, sendo apresentadas de forma cronológica, sendo a publicação mais recente apresentada em primeiro lugar, pois a estrutura natural de um blog segue uma linha cronológica ascendente. Esta

⁹ Jorn Barger (nascido em 1953) é um americano blogger, mais conhecido como o editor do *Robot Wisdom*, um fluente início weblog. Barger cunhou o termo *weblog* para descrever o processo de “logging da web, como ele surfou”

última característica, ou seja, a identificação das entradas de informação com indicações cronológicas, é mesmo considerada por Brigitte Eaton, a criadora do principal portal de acesso a blogs – o Eaton Portal (<http://portal.eatonweb.com/>) – o critério identificativo dos blogs (GOMES, 2005, p. 311). Os primeiros weblogs foram criados por pessoas com conhecimentos informáticos suficientes para gerarem páginas – WWW – uma vez que não existiam ainda disponíveis serviços automáticos de criação, gestão e alojamento de blogs com as características que hoje conhecemos. Para alguns, Tim Berners-Lee, o inventor da World Wide Web e criador do primeiro website, é também considerado o criador do primeiro weblog.

Em 2005, Leonel Vicente, no seu texto *O Pulsar dos Diários Virtuais em “Portugal*, refere-se a uma importante tendência de mudança na “blogosfera”, relacionada com o formato / linguagem de apresentação da informação nos blogs:

Ainda muito centrados nos conteúdos de texto, são inúmeras as possibilidades por explorar; tendencialmente, os blogs integrarão todos os conteúdos multimídia disponíveis, partindo das já bastante utilizadas fotos (fotoblogs), prosseguindo pelos conteúdos áudio (tendência que tem vindo a acentuar-se, com a disponibilização de “músicas de fundo”), chegando até ao vídeo e à partilha de aplicações. (VICENTE, 2005).

Os blogs estão cada vez mais se profissionalizando e deixando de ser apenas diários virtuais, para virar palco de discussões e fonte de informações e conhecimento para muitos setores. A diversificação dos blogs ocorre tanto nos tipos de áreas de intervenção nos quais são adotados, quanto nos objetivos que são subjacentes à sua criação e também quanto ao formato das linguagens suportadas. No acompanhamento desta diversificação, Gomes e Lopes (2005, p.118) observam o surgimento de múltiplos termos, uns associados às suas distintas temáticas, como os *warblogs*, popularizados e mediatizados nos mais recentes conflitos bélicos do mundo, ou os *edublogues*, designação comum para os blogues relacionados com as temáticas educacionais, entre outros referentes a atividades relacionadas com a blogosfera, daí os termos *bloguista* ou *bloguer* – substantivo referente aos sujeitos autores de um blogue; *blogar* – verbo referente ao ato de participar de um blogue; *postar* – verbo referente ao ato de colocar uma mensagem (post) num blogue.

Segundo lembra Sartori Filho (apud MARCUSCHI, 2004), há quem considere que os *blogs* poderão tornar-se as formas mais populares de escritos pessoais ou até mais do que isso. Nas considerações do autor (p.2):

Alguns mais entusiasmados chegam a designar o *blog* como a versão on-line de uma renascença digital, dado o potencial que enxergam nessa ferramenta que começou com a humildade da simples ideia de diário pessoal e guia de sites on-line. (FILHO apud MARCHUSCHI, 2004, p.61)

Para este autor, os *blogs*, por sua capacidade criadora e pelo tipo de temática e motivações que possuem, poderiam ser considerados como “uma incubadora de internautas com interesses comuns” (FILHO apud MARCHUSCHI, 2004, p.2). Isto torna o conceito de *blog* mais complexo, uma vez que já se encaminha para outras funções de gêneros derivados. Ainda pouco conhecidos e mantidos por jornais e revistas ou grandes provedores para “gerenciamento do conhecimento” são os **k-logging (knowledge logging)**, surgindo daí os *k-blogs*, tal como observa John Robb. Neste momento (dezembro de 2003), estão se popularizando no Brasil, os *f-blogs*, ou seja, os *blogs* de fotos : uma foto por dia que muitas vezes substitui até os textos maiores.

Na maioria dos casos, a linguagem dos *blogs* pessoais é informal, mas os *k-blogs* estão evoluindo rapidamente para expressões retóricas mais formais e esmeradas com alto grau de requinte e pretensões literárias. Os *blogs* são datados, comportam fotos, músicas e outros materiais, possuem estrutura leve, os textos em geral são breves, descritivos e opinativos e em certos casos são um grande sistema de colagem.

A evolução e diversificação da oferta de serviços, frequentemente gratuitos, de colocação online de vídeos, ficheiros áudio, galerias de fotografias, slyde-shows¹⁰, etc... tem também dado origem a novos formatos de blogues, com novas e mais amplas possibilidades em termos comunicacionais. Simultaneamente, o léxico da blogosfera expande-se com nova terminologia: audio-blog(ue), videoblog(ue) ou vblog; fotoblog(ue) ou flog, etc. [...]. (GOMES; LOPES, 2005, p. 120).

¹⁰ Slide-show é uma apresentação de slides; é uma exposição de uma série de informações escolhidas, e/ou imagens, que é feito para fins artísticos ou instrucional. O Slide-show é conduzido por um apresentador(a), que utiliza um aparelho, como um slide carrossel projector, um retroprojector ou em anos mais recentes, um computador rodando o software de apresentação.

Para iniciar um blog é necessário escolher um site que ofereça o serviço de publicação na web. A maioria dos serviços é gratuita e oferece recursos para escrever como se estivesse usando um editor de textos, não exige nenhum tipo de conhecimento técnico especializado sobre as linguagens de programação para construir páginas na internet. Ao cadastrar-se em um desses serviços, cria-se um endereço para o blog e um layout. Os próprios serviços oferecem alguns modelos (templates) pré-configurados, que podem ser alterados posteriormente.

Os principais sites brasileiros que hospedam blogs gratuitamente são: Blogger (br) - <http://www.blogger.com.br>, Blog-se - <http://www.blog-se.com.br>, Blog Terra - <http://blog.terra.com.br>, Blog Tok - <http://www.blogtok.com>, Click 21 My Blog - <http://www.myblog.com.br>, Pop Blog - <http://www.pop.com.br/popblog>, UOL Blog - <http://www.blog.uol.com.br>, Windows Live Spaces - <http://www.spaces.live.com/?mkt=pt-br>, wordpress - <http://www.wordpress.com.br>, blog - <http://www.blog.com.br>, spaceblog - <http://www.spaceblog.com.br>



Figura 1 : Página inicial do sistema Blogger.

Após criar o blog pode-se criar e editar o post (que são cada um dos textos inseridos em um blog). Para editar o post basta dominar as ferramentas de edição de texto. Os post são apresentados de forma cronológica. É possível editar as postagens existentes em cada blog e alterar, corrigir, acrescentar informações e excluir publicações.



Figura 2: Página de postagens do sistema Blogger

Para criar uma postagem, basta clicar em “Nova Postagem” que está presente no Painel do Blogger. E seguir os seguintes passos:

1. Fonte: Selecionando um texto ou palavra, você poderá alterar a fonte dos mesmos, através deste botão.
2. Tamanho da fonte: Define o tamanho da fonte a ser aplicada no texto.
3. Verificação de ortografia: Procura por erros de digitação. A verificação está disponível para vários idiomas.
4. Link: Adiciona um link à um Texto, ou palavra selecionada.

5. **Editar HTML:** Clicando nesta opção, você poderá adicionar códigos HTML em seus artigos.
6. **Marcadores:** Você poderá colocar a categoria do artigo, ou seja, o assunto.
7. **Visualizar:** Novo recurso do Blogger que lhe mostra uma pré-visualização do artigo a ser publicado.
8. **Publicar postagem:** Publica seu artigo.

O Blogger oferece uma série de templates (formato da página). É possível alterar o template futuramente ou até criar um inteiramente novo caso o administrador domine a linguagem HTML.

2

Escolha um **modelo inicial**

Você pode alterar seu modelo mais tarde e até mesmo personalizá-lo com o Designer de modelo.

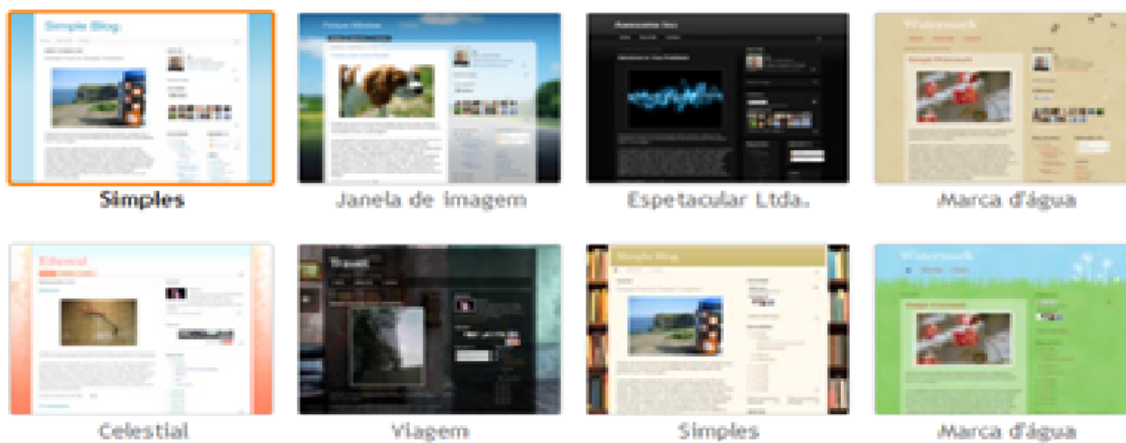


Figura 3: Página de templates do sistema Blogger

O sistema Blogger possibilita que o usuário crie e administre um número ilimitado de blogs. Através do Painel¹¹, o autor do blog tem acesso à lista de todos os blogs de que participa tanto como autor quanto como administrador.



Figura 4 - Página do painel do sistema Blogger.

O painel do Blogger é muito simples e intuitivo.

1 . É apenas uma ferramenta que ao clicar em "**Ativar Agora**" você receberá por email novidades e dicas para otimização do seu blog.

¹¹ Originalmente, a palavra inglesa para painel, "dashboard", designava uma placa utilizada em veículos para impedir a entrada de lama e passou a significar uma interface de usuário que organiza e apresenta informações de forma fácil para leitura. O painel do Blogger é o seu painel de controle, a sua principal interface de edição do Blogger. Depois de acessar o blogger, você chegará à página Painel, a partir da qual terá acesso editorial a todos os seus blogs e a o seu perfil, assim como ao Blogger News (em inglês), aos blogs recentemente atualizados e aos blogs interessantes.

2. O nome que estará sempre presente sempre que você publicar um artigo (o autor da postagem).
3. Onde e como seu perfil será exibido, dando a opção de poder editar quando quiser.
4. Clique para criar seu Primeiro blog.
5. Encontre sua lista de Blogs, quando você seguir um blog ele será adicionado a lista para que no seu painel você tenha fácil acesso.
6. Aparecerá uma lista das atualizações mais recentes dos blogs que você está seguindo.

3.2 Exposição dos blogs e suas dimensões de leitura/escrita

Diariamente são criados milhares de blogs nos mais diversos idiomas e com os mais variados temas, inclusive educacionais. Assim, professores e alunos de todos os níveis de ensino descobrem na criação de blogs uma outra forma de aprender, de ensinar, de informar, de conhecer, de compartilhar, de publicar, de comunicar. Como afirma Lévy (1993, p.7) “novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática”.

Nessa perspectiva, define-se blog como muito mais que ambientes onde são publicadas informações (textos, vídeos, imagens), comentários e indicações de links, considera-se um ambiente que possibilita debates de idéias independentes da localização das pessoas, estimulando a comunicação, a democratização de idéias, de informações e conhecimentos com liberdade de expressão.

O nível de visibilidade pública de um blog pode, até certo grau, ser determinado pelo(s) seu autor(es). Muitos dos sites que atualmente disponibilizam blogs permitem aos seus utilizadores optar por inscrever, ou não, o seu blog numa base de dados que pode ser consultada por qualquer utilizador da internet (GOMES, 2005). Adicionalmente, o autor do blog pode decidir divulgá-lo nos diversos diretórios e/ou motores de busca disponíveis na Internet. Uma terceira alternativa é o seu registro em portais e dedicatórios que se ocupam especificamente desta função, como <http://portal.eatonweb.com/> ou <http://www.omeudiario.net/ptbloggers> (ambos consultados em 23.10.2011).

Estando disponível na internet, torna-se difícil ao autor de um blog impedir que seja visitado ou visto, caso o seu desejo seja mantê-lo como um espaço íntimo e privado. Em muitos sistemas (nomeadamente o blogspot.com, um dos mais utilizados), o autor de um blog pode determinar que leitores/utilizadores podem intervir no seu blog, nomeadamente em termos de colocação ou eliminação de mensagens ou comentários. Mas, recentemente, um novo serviço de criação e alojamento de blogs disponível a partir de <http://spaces.msn.com/> oferece já a possibilidade de criação de blogs privados cujo autor pode limitar a visualização do blog apenas a internautas por ele autorizados. Deste modo é possível criar blogs de leitura exclusiva do seu autor ou dos internautas que este decidir autorizar. A criação e manutenção de um blog podem ser de autoria individual ou coletiva, neste último caso existindo um conjunto de pessoas que asseguram a dinamização do espaço. Por outro lado, os blogs podem ser uma forma privilegiada da presença idiossincrática de uma pessoa na web, ou podem assumir a forma de uma presença “institucional” de uma associação ou instituição.

Diariamente são criados milhares de blogs nos mais diversos idiomas e com os mais variados temas, inclusive educacionais. Assim, professores e alunos de todos os níveis de ensino descobrem na criação de blogs uma outra forma de aprender, de ensinar, de informar, de conhecer, de partilhar, de publicar, de comunicar. Como afirma Lévy (1993, p.7) “novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática.”

3.3 Tecendo possibilidades educacionais

A presença e a utilização dos blogs nas mais diversas áreas, inclusive na área educacional, vêm crescendo diariamente na sociedade. Portanto, a temática se impõe pela atualidade, pois muito se tem discutido sobre a importância, validade e implicações das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs), especialmente as que envolvem acesso à internet. Diante desse cenário social, a escola, como espaço prioritário para formação e desenvolvimento das habilidades psicomotoras e cognitivas, não deve ignorar todo esse “movimento” tecnológico que interfere diretamente na comunicação e na difusão do conhecimento, principalmente devido à facilidade de publicação, que não exige necessariamente um conhecimento tecnológico avançado e apurado, e também pelo grande

atrativo que estas páginas compostas de descobertas e/ou aprofundamento de “novos mundos” exercem sobre o público escolar. É válido ressaltar que, mais do que ter acesso e incluir a utilização desses blogs na educação, faz-se necessário refletir sobre as suas possibilidades pedagógicas e de que forma pode-se utilizar essas possibilidades.

O blog é um importante instrumento de comunicação, interação e compartilhamento de idéias, informações e conhecimentos de forma coletiva (e opcionalmente colaborativa). São estas e outras características que revelam o seu potencial como produtiva ferramenta na área educacional. Acredita-se que, ao considerar o blog como ambiente virtual de ensino-aprendizagem, este relacionamento não deve ser construído de maneira passiva, pois tanto o aprender quanto o ensinar são processos ativos. Os alunos não devem ser apenas responsáveis pela sua conexão, mas também devem contribuir com esse processo do qual professor e aluno são participantes e protagonistas.

Segundo Soares e Almeida (2005):

Um ambiente de aprendizagem pode ser concebido de forma a romper com as práticas usuais e tradicionais de ensino-aprendizagem como transmissão e passividade do aluno e possibilitar a construção de uma cultura informatizada e um saber cooperativo, onde a interação e a comunicação são fontes da construção da aprendizagem. (SOARES; ALMEIDA, 2005, p. 3)

Assim sendo, cabe ao professor apropriar-se das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs) refletindo sobre suas possibilidades, que estarão presentes numa didática contextualizada e flexível, propondo atividades e estratégias diferenciadas ao utilizar os blogs. Estes estão sendo explorados por alunos e professores e a cada dia surgem formas diferentes de utilizá-lo: como um recurso pedagógico ou como uma estratégia pedagógica dentro de uma disciplina. Gomes e Lopes (2007, p. 121) apresentam uma representação esquemática da exploração dos blogs como recurso ou como estratégia pedagógica.

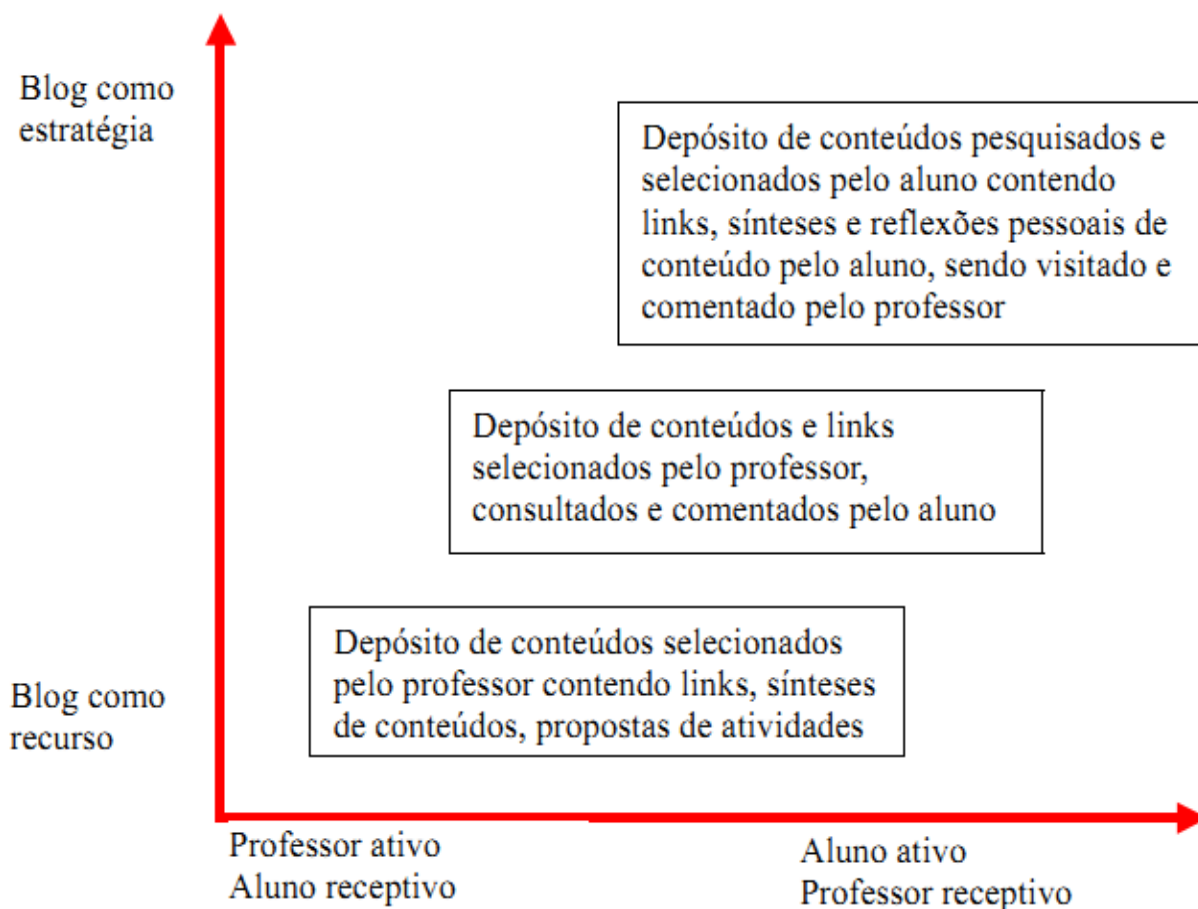


Figura 5: Representação esquemática da exploração dos blogs como recurso ou como estratégia pedagógica.

O que diferencia o blog utilizado como um recurso pedagógico do blog utilizado como uma estratégia pedagógica é a didática escolhida e estabelecida, que será composta de planejamento, atividades e estratégias propostas no ambiente e o papel assumido pelo professor e pelos alunos, numa inter-relação de socialização, produção, autonomia e principalmente numa relação de ensino-aprendizagem, onde o professor tem a função de estimular, orientar e supervisionar o aluno que realizará uma produção, seja ela individual ou coletiva, ou seja, as estratégias e atividades propostas pelos professores, independente do ambiente (sala de aula, laboratório de informática ou ambiente virtual de aprendizagem) e / ou recursos que utiliza (giz, livro, computador...) vão depender da Epistemologia, da sua concepção de aprendizagem, conhecimento e aluno, que apóiam sua prática.

A utilização de blogs como recurso ocorre quando o mesmo é utilizado como um depósito de informações, onde os alunos assumem um papel receptivo e passivo, limitando-se frequentemente e exclusivamente à leitura de posts e eventualmente colocando comentários às

mensagens/ posts já existentes; e o professor ativo se posiciona como um mero transmissor de conhecimentos, disponibilizando links, materiais de aula e conteúdos selecionados que devem ser apenas consultados pelos alunos na sua disciplina. Nessa situação percebe-se que o desenvolvimento da criticidade do aluno, da sua autonomia, enfim, do seu desenvolvimento reflexivo e o seu potencial de investigador, não é prioritário nesse complexo processo de ensino-aprendizagem.

Do mesmo modo, existem blogs utilizados na educação que vão além da exposição de conteúdos e indicação de links e conteúdos. São os blogs que abrem espaço para os comentários e exposições de idéias dos alunos. Desta forma, os alunos podem refletir sobre os conteúdos estudados e links acessados e a partir daí, comentar no blog sua reflexão, opinião, entendimento, dúvidas e sugestões sobre o assunto tratado tendo como finalidade possibilitar uma troca de opiniões sobre determinado assunto, ou seja registrando sua participação.

Uma outra abordagem, em termos de exploração pedagógica dos blogues, está centrada não tanto na criação de condições de acesso à informação disponibilizada pelo professor ou por sujeitos e/ou entidades que o professor reconhece como credível, mas sim em torno do desenvolvimento de competências que o aluno precisa desenvolver no âmbito da criação, manipulação de recursos e uso dos blogs. Neste contexto, o aluno desempenha frequentemente um papel de autor ou co-autor, existindo todo um leque diversificado de atividades a desenvolver, antecedendo a publicação de mensagens (postagem), às quais estão associadas a objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de competências. A exploração dos blogs dentro desta perspectiva, transforma-os, mais do que num recurso pedagógico, numa estratégia de ensino-aprendizagem, que visa conduzir os alunos a atividades de pesquisa, seleção, análise, síntese e publicação de informação, com todas as potencialidades educacionais implicadas.

Gomes e Lopes (2007, p. 124) ainda oferecem uma representação esquemática dos principais tipos de explorações pedagógicas dos blogs, quer numa perspectiva essencialmente como “recurso”, a disponibilizar aos alunos, quer como “estratégia pedagógica”, funcionando como suporte e interface tecnológico para diversas atividades de aprendizagem.

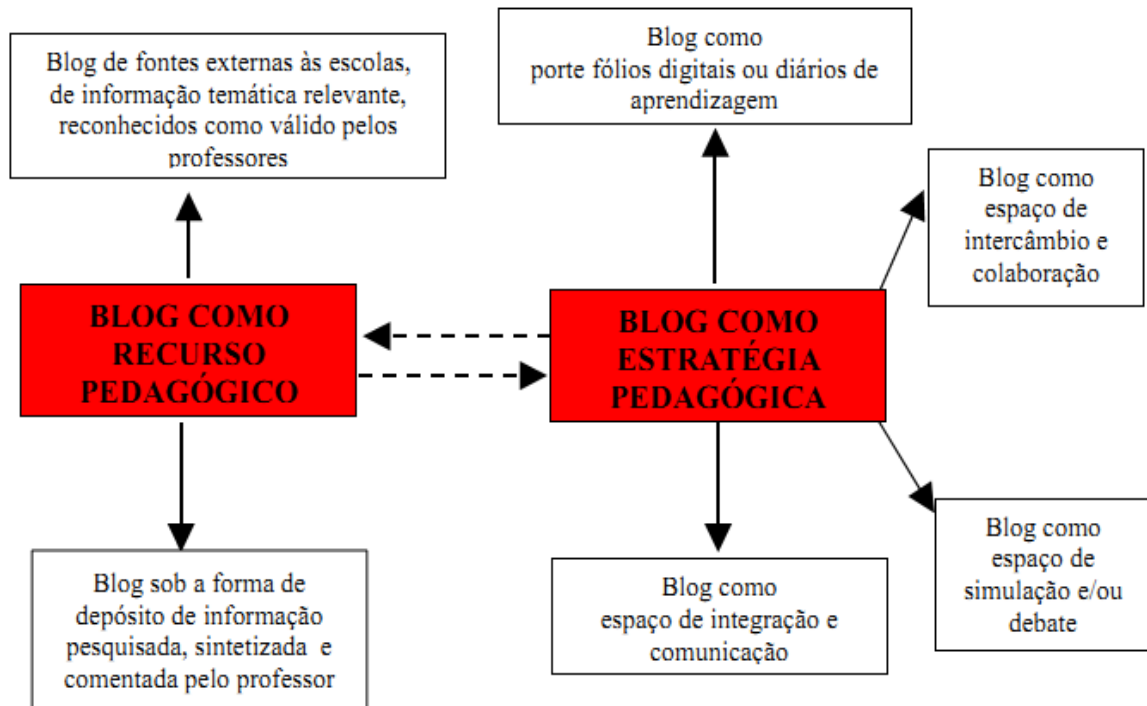


Figura 6: Representação esquemática das explorações educacionais dos blogs, centradas na vertente de “recurso pedagógico” e na vertente de “estratégia pedagógica”.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS

Para o desenvolvimento deste trabalho, decidiu-se por, metodologicamente, selecionar sujeitos que, em contexto acadêmico, desenvolveram e mantiveram um ou mais blogs. Estes blogs foram observados, descritos e analisados a partir de um conjunto de questões julgadas relevantes dentro das categorias teóricas desenvolvidas durante a revisão bibliográfica. Além disso, decidiu-se por elaborar um instrumento de coleta de informações dos sujeitos informantes, autores dos blogs que constituíram o corpus desta pesquisa, e o instrumento elaborado foi um questionário, com questões fechadas (opções pré-definidas) e questões abertas (discursivas).

O questionário foi dirigido a duas estudantes da UFBA e a uma egressa dessa mesma instituição: a Estudante x, de 29 anos, graduanda do curso de Pedagogia, cursando o 10º semestre. A Estudante y, de 22 anos, graduanda do curso de Letras Vernáculas com Língua Estrangeira Moderna, também cursando o 10º semestre. E a Estudante z, pedagoga, 23 anos. Os questionários foram enviados aos destinatários por meio do sistema de correio eletrônico (e - mail) .

A (Estudante X) dispõe de dois blogs, um acadêmico e um pessoal. O blog acadêmico: <http://lacerdaisabela.blogspot.com>, intitulado “Para fazer a diferença: todas as coisas se repetem passando por transformações e se transformam ao longo das repetições”, foi criado no período de 2008, durante a disciplina de Novas Tecnologias, pois ele seria parte da produção do semestre. Ele dispõe de 187 arquivos, que a princípio era composto de arquivos relacionados às aulas da disciplina EDC (287) – Novas Tecnologias Contemporâneas, lecionada pela professora Maria Helena Bonilla. O blog pessoal (<http://ptequilibrio.blogspot.com>), intitulado “Equilíbrio: *A essência, aquilo que não muda, que não altera, que é a verdade! É isso que busco, é disso que não quero me afastar, é aí onde quero estar sempre...*”, foi criado em 2008 como consequência do blog acadêmico, revela predominantemente uma escrita de si e dispõe de 68 postagens.

A (Estudante Y) dispõe de dois blogs: um pedagógico, criado a partir de uma experiência como estagiária regente, intitulado “Blog lá da sala – *blogs criados pelas professoras do Colégio Municipal Alfredo de Magalhães, Salvador, Bahia, para publicar os pensamentos, desejos e anseios dos alunos da 8M2* ” “ <http://blogsdasala.blogspot.com>” e o blog pessoal que foi desativado, devido a mudança de provedor.

A (Estudante Z) dispõe de dois blogs, um acadêmico e um pessoal. O blog acadêmico (<http://priscilladamata.blogspot.com>), intitulado *Ivana e as Tecnologias*, foi criado no período de 2008, durante a disciplina de Novas Tecnologias, pois ele seria parte da produção do semestre. Ele dispõe de 54 arquivos, que a princípio era composto de arquivos relacionados às aulas da disciplina EDC (287) – Novas Tecnologias Contemporâneas, lecionada, ministradas também pela professora Maria Helena Bonilla. O blog pessoal (<http://ivanasimplesmente.blogspot.com/>), intitulado *Ivana, simplesmente!*, foi criado em 2009 como consequência do blog acadêmico, revela predominantemente uma escrita de si e até a última visita dispunha de 15 postagens.

Diante do caminho traçado e apresentado com abordagens sobre a hipertextualidade e os gêneros textuais na interface das Tecnologias de Informação e Comunicação, tomei a decisão de exemplificar esse cenário de “teias de sentido” através da seleção de pessoas que tivessem blogs no contexto universitário. Para apresentação das informações obtidas na aplicação do questionário, como a análise desses dados, foram construídas três categorias. A primeira categoria refere-se aos elementos considerados em comum entre os sujeitos da pesquisa: quem são quanto ao grau de escolaridade? Em que contexto criaram o seu primeiro blog? Quais foram suas motivações para construção do blog pessoal? Como se deu esse percurso? A segunda categoria se delinea a partir dos elementos que os diferenciam, relacionados aos aspectos presentes nos conteúdos e/ou temas propostos e quanto à função destinada aos seus blogs. A terceira categoria contempla a presença dos gêneros textuais nos blogs: são realmente gêneros novos? Como funciona a hipertextualidade nesses blogs? Como se deu o percurso da escrita da ciência para a escrita de si?

Na categoria dos elementos em comum foram constatados que os sujeitos da pesquisa eram três universitárias da Universidade Federal da Bahia, que iniciaram suas experiências com blogs numa disciplina obrigatória, na qual o blog representava um instrumento de avaliação, restrito aos discentes e ao docente da disciplina, onde eram analisados vários procedimentos, como se dava a construção e o manuseio do blog, o tipo e a frequência de suas atualizações, seus registros em forma de *postagens* quanto às atividades e trabalhos propostos na disciplina, e/ou notícias referentes a temática escolhida, com possibilidade de interação entre os participantes do blog, como expressa a (Estudante Z): “Acredito que é uma forma de fixar o conhecimento e colaborar com a aprendizagem de outros”.

Constatou-se também que nos três casos a primeira experiência de construção de um blog acadêmico incentivou a criação de um blog pessoal, motivado pelo hábito de escrever para compartilhamento de ideias, na pesquisa de assuntos de interesse em outros blogs, no uso de *links...*, tudo isso de maneira “..mais à vontade”, como relata a (Estudante Y).

Na segunda categoria a diferenciação dos elementos quanto aos aspectos relativos aos conteúdos ou tema, a (Estudante X) aborda em seu blog sobre: Os Ecopos, as histórias de Maurício de Souza, o vôlei, relação coma a natureza, relatos do encontro “Uma vez todo mês”, etc. Já a (Estudante Y) relata experiências dos alunos; é valido ressaltar que a mesma preservou o anonimato dos seus alunos, a pedido deles . E a (Estudante Z) fala sobre : a violência no Rio de Janeiro, o desenvolvimento cognitivo da criança, o nascimento, significado do seu próprio nome, II Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão. Selecionei dos blogs dos sujeitos da pesquisa algumas publicações que possuem temas semelhantes, porém conteúdos diferentes. São elas: (Estudante X): [Primeira aula / Sirva-se \(Tabuleiro digital\)! / Oficinas para trabalhar a alma! / Internet e Educação - Apresentação de 24/11 / Internet... Livre! / I Congresso de Tecnologias na Educação / Oba! A minha escola está "antenada".](#) (Estudante Y): depósito de conteúdos de textos para acesso dos alunos, na verdade o conteúdo era exclusivo de relatos dos alunos, denominados de “*experiências online*”.(Estudante Z) : [História da Tecnologia e Evolução da Comunicação!!! / Políticas Públicas Em Educação E Rádio Escola!!! / Orkut, Educação e a realidade! / Tv e Vídeo / Vídeo Tabuleiro Digital / Mídias e Educação: Uma dica! / Seminários de impressos e Internet e Educação. / professores conectados / “Integrando, participando e interagindo: Utilizando diferentes Mídias” / Blogs na Educação: Blogando algumas possibilidades pedagógicas / Reflexão final da disciplina!](#)

Nesse sentido, vemos as intencionalidades, os sentimentos e emoções revelados na escrita e na forma de expressar essa escrita, é a autonomia do sujeito como autor de suas produções. Pois “[...] quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações?” (CALVINO apud SILVA, 2008).

Neste trabalho, citei a representação esquemática dos principais tipos de explorações pedagógicas dos blogs, produzida por Gomes e Lopes (2007), quer numa perspectiva essencialmente como “recurso”, a disponibilizar aos alunos, quer como “estratégia pedagógica”, funcionando como suporte e interface tecnológico para diversas atividades de aprendizagem. Tomando por base essas explorações, analisei e pontuei mais uma diferenciação, agora quanto à função dos blogs.

A Epistemologia e a concepção de aprendizagem da (Estudante X) e da (Estudante Z), percebida pelos seus relatos e pela sua forma de relacionar-se com o blog, demonstrou que a mesma utiliza o blog acadêmico como “estratégia” pedagógica, pois tanto o papel assumido pelo docente quanto o papel assumido pelas estudantes se fundiram numa inter-relação de socialização de maneira ativa, elas registraram suas participações através das postagens,

seguidas sempre de reflexões, utilizando a ferramenta *comentários* na emissão de suas opiniões sobre os conteúdos estudados e/ou temas propostos e adicionaram *links* referentes ao assunto. Nesse caso, o blog desempenha uma função que vai além da informação, ele se constitui como “espaços de intercâmbio e colaboração” (GOMES, 2005).

É válido destacar que a (Estudante X) levantou em uma de suas respostas ao questionário, a importante questão sobre a constituição da autoria:

Como digo sempre que discuto o uso dos blogs com alguém, tudo que publico precisa ter uma referência segura, correta o máximo possível e capaz de satisfazer os questionamentos que venham a surgir com aquela leitura. Percebi que com o uso dos blogs passei a ter muito mais preocupação com o que transmito por estar em rede, por ser acessível a todos, por ser informação circulando, independente do tema ou impacto que pode causar. É informação e precisa ser verdadeira.

Considerando que a função autor sofreu variação na sua concepção ao longo do tempo, hoje, na sociedade informática que se vive, somos conduzidos a indagar: o que seria um “autor no contexto de uma sociedade em que a tecnologia digital transforma a linguagem num elo virtual entre o homem e o mundo?” (SILVA, 2008, p. 180). Segundo Silva, podemos responder, utilizando a noção de autor de Foucault, pois para ele essa noção constitui o momento forte da individualização na história das idéias, dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia também na das ciências. (Silva, 2008). Sabemos que a fidedignidade das informações é de extrema importância, pois a coerência tanto da autoria e/ou co-autoria, quanto as informações servidas, são princípios de ética nos discursos. “Porque entre o dito e o não-dito é irremediável que haja um espaço de interpretação que não se fecha. Lugar de equívocos, de debates, de possíveis [...]” (ORLANDI apud SILVA, 2008, p. 155)

Embora a (Estudante Y) compreenda sua utilização do blog como “estratégia” pedagógica, alegando em palavras que: “tanto o blog que criei na universidade a pedido de uma professora, quanto o blog que criei com uma turma no meu Estágio de Língua Portuguesa foi uma espécie de acervo de textos sobre o que foi feito em sala, as colaborações e as inferências”; permito-me fazer um contraponto, pois a idéia de “acervo” de textos, denuncia justamente o contrário da utilização do blog como “estratégia”, sinalizando a utilização como “recurso” tecnológico, o qual se caracteriza como depósito de informações, “onde os alunos assumem um papel receptivo e passivo, limitando-se frequentemente e

exclusivamente à leitura de *posts* e eventualmente colocando comentários às mensagens/posts já existentes.” (GOMES, 2005).

Na terceira categoria referente aos gêneros textuais presentes nos blogs, observei que a hipertextualidade poderia ser mais explorada, entretanto, destaco a presença dos seguintes gêneros textuais: relato de experiência vivida, textos de opinião, diálogo argumentativo, artigo enciclopédico, texto explicativo, tomada de notas, resumo de textos expositivos e explicativos, resenha e relatório científico.

Será que poderíamos considerar os gêneros textuais hospedados em blogs como realmente novos? Marcuschi (2010) considera que esses “novos” gêneros são gêneros emergentes no contexto da tecnologia digital. Vejamos sua explicação:

**Gêneros textuais emergentes na mídia virtual
suas contrapartes em gêneros preexistentes**

	Gêneros emergentes	Gêneros já existentes
1	<i>E – mail</i>	Carta pessoal / bilhete / correio
2	Chat em aberto	Conversações (em grupos abertos?)
3	Chat reservado	Conversações duais (casuais)
4	Chat ICQ (agendado)	Encontros pessoais (agendados?)
5	Chat em salas privadas	Conversações (fechadas)
6	Entrevista com convidado	Entrevista com pessoa convidada
7	<i>E – mail</i> educacional (aula por <i>e-mail</i>)	Aulas por correspondência
8	Aula – chat (aulas virtuais)	Aulas presenciais
9	Videoconferência interativa	Reunião de grupo/ conferência / debate
10	Lista de discussão	Circulares / séries de circulares (?)
11	Endereço eletrônico	Endereço postal
12	Blog	Diário pessoal, anotações, agendas

Tabela 1: Representação esquemática dos gêneros emergentes e os gêneros já existentes.

Esses gêneros são mediados pela tecnologia computacional, possuem características próprias, por isso devem ser analisados em particular. “Nem sempre têm uma contraparte

muito clara e não se pode esperar uma especularidade na projeção de domínios tão diversos, como são o virtual e o real-tradicional.” (MARCUSCHI, 2010, p. 37).

O movimento percursorio que vai da escrita da ciência à escrita de si se constrói como fios em uma “teia de sentidos” (Silva, 2008). Nos três blogs analisados, esse movimento é perceptível e realizado de diferentes formas e intensidade. Nessa perspectiva, pontuo que no blog da (Estudante X) houve maior intensidade quanto a esta ótica, teve períodos que ela chegava a fazer duas postagens por dia, como num diário.

Segundo Lousada e Abreu-Tardelli (apud BEZERRA; MUNIZ, 2010), há um valor heurístico na escrita privada, considerando-se a importância das emoções no desenvolvimento humano. Subjacentes a esse estado de coisas, concepções errôneas de leitura e escrita tornam as práticas de texto no contexto escolar um conjunto de atividades que confere relevância à escrita funcionando nos gêneros que se prestam aos usos acadêmicos ou que têm por base a função referencial da linguagem, a escrita sendo aí compreendida como desempenho vinculado a contextos intelectuais de caráter profissional ou escolar.

De acordo com (BEZERRA; MUNIZ, 2010), nas práticas escolares ou acadêmicas, os textos costumam ter finalidade restrita e circulação limitada, o que concorre para uma formação de escritores pouco familiarizados com outros contextos e possibilidades de interação lingüística em suportes que requeiram o emprego da escrita. Nesse contexto, os blogs, sendo novos, ricos e poderosos instrumentos de comunicação entre indivíduos, se mantidos livres das restrições formais e pragmáticas do ambiente acadêmico, podem permitir o desenvolvimento da escrita como uma prática pessoal, contínua e espontânea, proporcionando ao aluno uma prática de letramento que se estenda e se perpetue como prática processual cotidiana.

De fato, as três estudantes (X, Y e Z), reconhecem o potencial formativo presente no blog e as suas contribuições quanto à construção de conhecimentos. Segundo os sujeitos da pesquisa, o conhecimento sobre blogs e a sua utilização influencia de maneira positiva sua formação, possibilitando pesquisar, refletir e redigir de forma mais crítica e argumentativa, permitindo um novo olhar, olhar por uma nova ótica (a de quem está do lado de dentro), a de quem produz, e não apenas como quem lê. Esses dados obtidos e analisados só reafirmam o quanto a inserção, utilização e exploração dos blogs no contexto acadêmico efetivamente tecem possibilidades pedagógicas e educacionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Coscarelli (2006) propõe que repensemos a idéia de hipertexto e dos ambientes digitais. Que eles não sejam vistos como uma ruptura em relação ao impresso, mas como uma continuidade dele. Talvez não seja o caso de pensarmos como a textualidade do hipertexto digital seja diferente da textualidade do texto impresso, mas em como outras linguagens se incorporam a ele (o vídeo, a animação e o som, por exemplo).

Na internet, costuma-se caracterizar o hipertexto como um texto de acessibilidade ilimitada, ou seja, desprovido de censura quanto às ligações que permite estabelecer, por isso mesmo seria um espaço profícuo para o desenvolvimento de formas de comunicação transversais, interativas e cooperativas. Um dos grandes entusiastas do poder da internet como instrumento de democratização do conhecimento e da sociedade é o filósofo francês Pierre Lévy.

No seu livro *Cibercultura*, Lévy (1999) reutiliza a metáfora da arca de Noé para se referir ao que Roy Ascott¹² denomina de “segundo dilúvio”, o dilúvio da informação. (MELO, 2010, p.166). Segundo Lévy (1999), diferentemente da operação de salvamento de Noé, que deixou afogar tudo aquilo que não conseguiu reter, o novo dilúvio salva todos. O filósofo francês constrói a metáfora mostrando que no dilúvio bíblico a arca de Noé simboliza uma “totalidade reconstituída”, isto é, única, fechada, estanque, totalizante; depois, amplia o significado da narrativa em forma de um dilúvio informacional, que não possui apenas uma arca, mas várias. Pede-se perceber estas intenções implícitas nas palavras do autor:

Quando Noé, ou seja, cada um de nós olha através da escotilha de sua arca, vê outras arcas, a perder de vista, no oceano agitado da comunicação digital. E cada uma dessas arcas contém uma seleção diferente. Cada uma quer preservar a diversidade. Cada uma quer transmitir. Estas arcas estarão eternamente à deriva na superfície das águas (LÉVY, 1999, p. 15).

¹² Pesquisador da área de tecnologia da informação, fundador e diretor do CAiiA-STAR (Centro Avançado para Pesquisa em Artes Interativas, da Unidade de Wales).

Segundo (MARCUSCHI, 2010), a Cibercultura¹³, portanto, representaria o surgimento de um novo universo, diferente das formas culturais que vieram antes. Lévy (1999) sinaliza que, o universal no Ciberespaço¹⁴ se construiria sobre a indeterminação de um sentido global qualquer, e por isto ele o chama de “universal sem totalidade”. Ainda nas palavras deste autor:

A emergência do ciberespaço não significa de forma alguma que “tudo” pode enfim ser acessado, mas antes que o Todo está definitivamente fora de alcance. O que salvar do dilúvio? Pensar que poderíamos construir uma arca contendo “o principal” seria justamente ceder à ilusão da totalidade. (LÉVY, 1999, p. 161).

Ainda segundo Lévy (1999), instituições, comunidades, indivíduos, todos nós temos necessidade de construir um sentido, de criar zonas de familiaridade de aprisionar o caos ambiente. Mas, por um lado, cada um deve reconstruir totalidades parciais à sua maneira, de acordo com seus próprios critérios de pertinência. Por outro lado, essas zonas de significação apropriadas deverão necessariamente ser móveis, mutáveis, em devir. A tal ponto que devemos substituir a imagem da grande arca pela de uma frota de pequenas totalidades, deferentes, abertas, provisórias, secretas por filtragem ativas, “perpetuamente reconstruídas, pelos coletivos inteligentes que se cruzam, se interpelam, se chocam ou se misturam sobre as grandes águas do dilúvio informacional”. (Lévy apud Marcuschi, 2010, p. 167).

De fato, tecnicamente e teoricamente, o ciberespaço aceita todos. Independentemente da sua origem geográfica ou social, qualquer indivíduo ou grupo pode investir na rede por conta própria e difundir nela todo de informação que julgue interessante, desde que para isso lance mão de mínimas competências técnicas. Sem sombra de dúvidas, na *web* as facilidades de publicação são superiores à mídia tradicional.

Coscarelli (2010) destaca que, embora no ciberespaço cada sujeito seja efetivamente um potencial produtor de informação, a Análise de Discurso (AD) vai pontuar que mesmo que a rede abrigue uma pluralidade de idéias, de pontos de vista, isso não é suficiente para que

¹³ Lévy (1999: 17) conceitua *cibercultura* como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”

¹⁴Para Lévy o *Ciberespaço* é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. Segundo ele, “o termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (Lévy, 1999, p. 17)

haja uma democratização de discursos, pois não basta as idéias estarem lá depositadas , “é preciso que elas circulem, tomem corpo, reverberem”. (Coscarelli, 2010, p. 167).

Analisemos a postura de Lévy quanto ao universal da cibercultura, expressa em suas palavras:

Quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna universal, e menos o mundo real se torna totalizável. O universal da cibercultura não possui nem centro, nem linha diretriz. É vazio, sem conteúdo particular. Ou antes ele os aceita todos, pois se contenta em colocar em contato um ponto qualquer com qualquer outro, seja qual for a carga semântica das entidades relacionadas. (LÉVY, 1999)

De acordo com Coscarelli (2010), ainda tomando como base as teses da Análise do Discurso, deve-se refletir sobre esta afirmação acima, quando se diz que o ciberespaço “se contenta em colocar em contato um ponto qualquer com qualquer outro , seja qual for a carga semântica das entidades relacionadas”, pois este ponto de contato só se dará entre Formações Discursivas assemelhadas (FDs), se forem formações discursivas contrárias já mais serão acessadas através de *links* presentes no *site* ou *home page* selecionado. Isso é justificado pelo fato de o hipertexto, com relação à construção de sentido, funcionar da mesma forma que um texto, ou seja, é produzido com base em determinados interesses e suposições. Por exemplo, “os *sites* jornalísticos, de partidos políticos etc., vão restringir suas conexões somente a determinados lugares na rede que estejam em consonância com a FD, com exclusão de tantos outros *sites*, páginas e *home page*” (Coscarelli, 2010, p. 170). Portanto, conclui-se que apesar da heterogeneidade de vozes, a conexão é bastante diretiva e o efeito de sentido final entre os interdomínios, têm caráter monofônico. (AUTHIER-REVUZ, 1982, apud COSCARELLI, 2010, p. 167).

Contudo, faz-se necessário ressaltar a funcionalidade dos gêneros digitais no ambiente educativo, visto que oferecem dinamicidade para o trabalho com a leitura e a escrita, apresentam maneiras inovadoras de acesso à informação, bem como novos processos cognitivos e formas de aquisição de conhecimento. Desta forma, já se tornou indiscutível o potencial pedagógico dos gêneros digitais, sendo o blog uma relevante ferramenta de estímulo à produção textual devido a sua fácil criação e manutenção.

O hipertexto pode não exigir uma nova concepção de texto, de textualidade e de textualização, mas os ambientes digitais vão exigir novos professores. Quem é esse professor?

Qual é a sua didática? Qual é a sua formação e capacitação? Constata-se e ressalta-se que a exploração e utilização dos blogs na sala de aula, na Universidade, na Educação, irão depender principalmente da Epistemologia do professor, da sua concepção de *aprendizagem*, *conhecimento* e de *aluno*, na qual apóia a sua prática, do seu “relacionamento” com as inovações tecnológicas, visando uma didática contextualizada, que frequentemente reforme e renove sua práxis pedagógica.

REFERÊNCIAS

- BONILLA, Maria Helena Silveira. **Escola Aprendiz: para além da Sociedade da Informação**. – Rio de Janeiro: Quartet, 2005.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- COSCARELLI, Carla Viana. A análise do discurso em contraponto à noção de acessibilidade ilimitada da internet. MARCUSCHI, Luís Antonio; XAVIER, Antonio Carlos. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- COSCARELLI, Carla Viana (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. 3ª ed. Belo Horizonte, 2006.
- GOMES, M. J. Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica. In: **Actas do VII Simpósio Internacional de Informática Educativa-SIIES**. Disponível em: www.repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4499. Acessado em 07 de nov. de 2011.
- GOMES, M. J; LOPES, A.M. Blogues escolares: quando, como e porquê? **Centro de Competência CRIE**. (2005). Disponível em: www.repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6487/.../gomes2007.pdf .Acessado em 09 de nov. de 2011.
- KOCH, Ingendore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- KOCH, Ingendore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. Ingendore Koch. 8 edª. São Paulo, 2005.
- KOMESU, Fabiana Cristina. **Blogs e práticas de escrita sobre si na internet**. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 110-119.
- LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LÉVY, P.: **As Tecnologias da Inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- MACHADO, Anna Rachel e colaboradores. **Linguagem e educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.
- MARCUSCHI, Luís Antonio; XAVIER, Antonio Carlos. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A questão do suporte dos gêneros textuais**. João Pessoa: DLCV: Lingüística e Literatura , 2003, v. 1, n. 1, p. 9-40, out.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A.C. (ORG.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.

PRETTO, Nelson. *Escola sem/com futuro*. Campinas: Papyrus, 1996. . **Linguagem e tecnologias na educação**. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 161-182.

RAMAL, Andrea Cecilia. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagens** - Poto Slegre. Artmas 2002.

SILVA, Lindinalva Maria da. **Possibilidades educativas dos gêneros digitais: construindo conhecimentos através dos blogs**. Disponível em: < www.cchla.ufrn.br/>. Acessado em: 15 de out. de 2011.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. **Tessituras (hiper) textuais: leitura e escrita nos cenários digitais**. Salvador. Quarteto, 2008.

SCHNEULWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Cordeiro – Campinas, São Paulo: Mercado de letras, 2006.

VYGOTSKY, L. V. **Pensamento e Linguagem**. 3^a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

APÊNDICE A – Questionário aplicado ao Estudante X

Universidade Federal da Bahia - UFBA
Faculdade de Educação - FAGED
Curso: Pedagogia
Graduanda : Rosielle de Jesus Santos
Orientadora – Prof^a Raquel Bezerra

Caro informante,

Esse questionário tem como objetivo, identificar o perfil dos entrevistados, quanto a sua relação com a tecnologia e a sua compreensão e investigar a utilização dos blogs e suas implicações na sua formação. Ressaltamos que a identidade do informante será preservada e o uso das informações será estritamente acadêmico.

Questionário - 01

❖ Bloco 1: identificação

Nome: Estudante X

Curso: Pedagogia

Semestre: 10º

Idade: 29

Assinale a(s) opção(s) de acordo com o seu grau de concordância.

❖ Bloco 2: o uso das tecnologias fora da universidade

1. Quais das tecnologias abaixo você utiliza fora da Universidade?

TV X

DVD X

Computador X

Celular X

Mp3, Pen Drive, USB... X

Internet **X**

2. Com que frequência você utiliza as tecnologias expostas na questão 01 ?

Sempre **X** Às vezes Raramente Nunca

❖ Bloco 3: sobre o uso das tecnologias na universidade

3. A Faculdade dispõe de recursos tecnológicos?

Sim **X** Não

4. Em sua opinião, quais recursos tecnológicos deveriam ser adotados com maior frequência pela faculdade para auxiliar o desenvolvimento das disciplinas?

Data Show TV DVD Retro Projetor Outros
X **X**

5. Com que frequência os recursos tecnológicos são utilizados em sala de aula?

Sempre Às vezes **X** Raramente Nunca

6. Entre os componentes curriculares (disciplinas) do seu curso na UFBA, quantas fizeram associação de ferramentas tecnológicas tais como blogs, listas de discussão, e-mails etc., à sua execução?

Uma disciplina Até três disciplinas Mais de três disciplinas **X**

7. Os recursos tecnológicos oferecidos pelo seu curso são suficientes - em variedade e quantidade - para atender a demanda de atividades de estudantes e professores?

- Sim, os recursos são variados e suficientes.
 Sim, somente em variedade.
 Sim, somente em quantidade.
 Não. **X**

8. Existe uma cultura por parte dos professores em utilizá-los em suas aulas?

Sempre Às vezes Raramente Nunca

9. Os professores manifestam o desejo em agregar estes recursos às suas aulas?

Sempre Às vezes Raramente Nunca

10. Você acredita que os professores do curso possuem informações adequada sobre a utilidade das TICs?

- Sim, porém são poucos os que possuem.
- Sim, a maioria possui.
- Sim, todos possuem.
- Não.

11. O que falta a faculdade para que seja incorporada a cultura digital no espaço acadêmico?

A aquisição de novos equipamentos.

Capacitar os docentes para o uso dos equipamentos e ferramentas tecnológicas.

Informativos, (seminários, cursos) para toda a comunidade acadêmica ressaltando a importância de integrar a tecnologia à educação.

Mudança dos currículos, criando disciplinas que obrigatoriamente façam uso de ferramentas tecnológicas.

Outros.

12. Já fez uso do ambiente Moodle em alguma disciplina na FACED e/ou ADM?

- Sim, em apenas uma disciplina.
- Sim, em até três disciplinas.
- Sim, em mais de três disciplinas.

- Não, nunca utilizei.
- Não conheço o ambiente Moodle.

13. **A sua Universidade dispõe de laboratórios de informática para o uso de toda a comunidade acadêmica? Com que frequência você o utilizou?**

- Sim, utilizo-o sempre.
- Sim, porém nem sempre está disponível. **X**
- Sim, mas raramente utilizo-o.
- Sim, mas não faço uso.
- Não dispõe.
- Não sei.

14. **Você já precisou utilizar as instalações de outra faculdade para usufruir de seus recursos tecnológicos?**

- Sim, quais(s) faculdade(s) de Administração
- Não.

❖ **Bloco 4: sobre o uso de blogs**

15. **Quais foram as motivações para produção dos blogs ?**

15.1) Blog pessoal

Esse foi conseqüência do blog acadêmico. Depois de começar o trabalho com ele chegou um momento em que havia coisas que queria dizer só que não considerava dentro do contexto. Depois de já ter adquirido experiência com o primeiro blog já não tive relutância em fazer o segundo.

15.2) Blog acadêmico

Há algum tempo já tinha despertado a vontade de criar um blog ficava só vontade, até porque eu gosto muito de escrever mas algumas coisas foram me limitando e eu passei a escrever menos a cada dia. Quando comecei a ter contato com blogs tive a vontade, mas a “limitação” que passe acabou me impedindo de ir em frente.

16. Com que frequência você atualiza os seus blogs ? Porquê?

Para os dois casos, depende muito! O blog que eu considero acadêmico atualizo bem menos porque minha intenção é de postar coisas relacionadas às aulas, mas nem sempre encontro inspiração nelas. Penso em procurar temas relacionados ao que tem sido discutido para encontrar algo que me atraia e leve as escrever, mas requer mais tempo, e tudo que posto no blog busco referências seguras, o que requer de mim uma pesquisa mais refinada. O tempo às vezes me impede de fazer isso.

Já o blog pessoal, como fiz para exteriorizar meus pensamentos em geral, esse é atualizado um pouco com influência do meu emocional. Há momentos que quero dizer algumas coisas mas não me sinto bem para escrever, e acaba passando sem registro. Houve período em que o blog ficou sem atualização por mais de um mês, como também aconteceu de ter até duas por dia e eu ter de fazer uma distribuição dos textos para não ficar muita coisa em um só dia e faltar em outros.

17. Qual foi o período de criação dos blogs?

O blog acadêmico criei em 2008 durante a disciplina de Novas Tecnologias pois ele seria parte da produção do semestre. Já o pessoal criei em 2009, alguns meses depois do primeiro.

18. De que forma o conhecimento sobre blogs e a sua utilização , influencia na sua formação?

A partir do momento que fiz parte da disciplina de Novas Tecnologias e tomei conhecimento do blog pelo olhar de quem está do lado de dentro, o de quem produz, e não apenas o de leitora, percebi que o caminho pelo qual quero seguir e exercer a função para a qual estou me preparando, que é a de educar, é o da comunicação através das redes sociais. Dessa forma o conhecimento sobre blogs me animou bastante por eu gostar de escrever, de compartilhar minhas ideias através dessa escrita, de encontrar um espaço onde posso expor meus pensamentos de forma mais abrangente, dinâmica, com alcance muito maior do que teria fora dele. Descobri que me identifico muito mais com as possibilidades de educar dessas maneira do que nos limites da sala de aula.

19. Você acredita que o blog possui um potencial formativo? Em que sentido?

Não respondeu

20. De que maneira a utilização de blogs contribui para a sua construção de conhecimento?

Como digo sempre que discuto o uso dos blogs com alguém, tudo que publico precisa ter uma referência segura, correta o máximo possível e capaz de satisfazer os questionamentos que venham a surgir com aquela leitura. Percebi que com o uso dos blogs passei a ter muito mais preocupação com o que transmito por estar em rede, por ser acessível a todos, por ser informação circulando, independente do tema ou impacto que pode causar. É informação e precisa ser verdadeira.

Dessa forma me torno uma pesquisadora ao mesmo tempo em que levo uma informação porque busco as bases para validar aquilo que estou dizendo. Aprendi muitas coisas que antes poderiam passar como irrelevantes aos meus olhos. É aquela história que conhecemos do “aprender mais quando ensina”. Sendo somente para mim a informação eu absorvo o que me interessa. Passando essa mesma informação para outros me aprofundo no conhecimento para ser capaz de não deixar nenhuma dúvida.

Atenciosamente
Obrigada pela participação!

APÊNDICE B – Questionário aplicado ao Estudante Y

Universidade Federal da Bahia - UFBA
Faculdade de Educação - FACED
Curso: Pedagogia
Graduanda : Rosielle de Jesus Santos
Orientadora – Prof^a Raquel Bezerra

Caro informante,

Esse questionário tem como objetivo, identificar o perfil dos entrevistados, quanto a sua relação com a tecnologia e a sua compreensão e investigar a utilização dos blogs e suas implicações na sua formação. Ressaltamos que a identidade do informante será preservada e o uso das informações será estritamente acadêmico.

Questionário - 02**❖ Bloco 1: identificação**

Nome: Estudante Y

Curso: Letras Vernáculas com Língua estrangeira moderna.
Semestre: 10º.

Idade: 22

Assinale a(s) opções(s) de acordo com o seu grau de concordância.

❖ Bloco 2: o uso das tecnologias fora da universidade

1. Quais das tecnologias abaixo você utiliza fora da Universidade?

TV

DVD

Computador

Celular

Mp3, Pen Drive, USB...

Internet

2. Com que frequência você utiliza as tecnologias expostas na questão 01 ?

Sempre Às vezes Raramente Nunca

❖ **Bloco 3: sobre o uso das tecnologias na universidade**

3. A Faculdade dispõe de recursos tecnológicos?

Sim Não

4. Em sua opinião, quais recursos tecnológicos deveriam ser adotados com maior frequência pela faculdade para auxiliar o desenvolvimento das disciplinas?

Data Show TV DVD Retro Projetor Outros

5. Com que frequência os recursos tecnológicos são utilizados em sala de aula?

Sempre Às vezes Raramente Nunca

6. Entre os componentes curriculares (disciplinas) do seu curso na UFBA, quantas fizeram associação de ferramentas tecnológicas tais como blogs, listas de discussão, e-mails etc., à sua execução?

Uma disciplina Até três disciplinas Mais de três disciplinas

7. Os recursos tecnológicos oferecidos pelo seu curso são suficientes - em variedade e quantidade - para atender a demanda de atividades de estudantes e professores?

Sim, os recursos são variados e suficientes.

- Sim, somente em variedade.
- Sim, somente em quantidade.
- Não.

8. Existe uma cultura por parte dos professores em utilizá-los em suas aulas?

- Sempre Às vezes Raramente Nunca

9. Os professores manifestam o desejo em agregar estes recursos às suas aulas?

- Sempre Às vezes Raramente Nunca

10. Você acredita que os professores do curso possuem informações adequada sobre a utilidade das TICs?

- Sim, porém são poucos os que possuem.
- Sim, a maioria possui.
- Sim, todos possuem.
- Não.

11. O que falta a faculdade para que seja incorporada a cultura digital no espaço acadêmico?

- A aquisição de novos equipamentos.
- Capacitar os docentes para o uso dos equipamentos e ferramentas tecnológicas.
- Informativos, (seminários, cursos) para toda a comunidade acadêmica ressaltando a importância de integrar a tecnologia à educação.
- Mudança dos currículos, criando disciplinas que obrigatoriamente façam uso de ferramentas tecnológicas.
- Outros.

12. Já fez uso do ambiente Moodle em alguma disciplina na FACED e/ou ADM?

- Sim, em apenas uma disciplina.
 Sim, em até três disciplinas.
 Sim, em mais de três disciplinas.
 Não, nunca utilizei.
 Não conheço o ambiente Moodle.

13. A sua Universidade dispõe de laboratórios de informática para o uso de toda a comunidade acadêmica? Com que frequência você o utilizou?

- Sim, utilizo-o sempre.
 Sim, porém nem sempre está disponível.
 Sim, mas raramente utilizo-o.
 Sim, mas não faço uso.
 Não dispõe.
 Não sei.

14. Você já precisou utilizar as instalações de outra faculdade para usufruir de seus recursos tecnológicos?

- Sim, quais(s) faculdade(s) de _____
 Não.

❖ **Bloco 4: sobre o uso de blogs**

15. Quais foram as motivações para produção dos blogs ?

15.1) Blog pessoal

Disponibilizar online minhas experiências e fotografias de viagens.

15.2) Blog acadêmico

Uma disciplina (Didática 02) pediu que fizéssemos um blog para relatar o andamento das aulas, o que estava sendo produzido e trabalhado em sala.

16. Com que frequência você atualiza os seus blogs ? Porquê?

O pessoal eu atualizo à medida que faço uma nova viagem ou acho um tópico interessante. O acadêmico eu parei de atualizar desde o final da disciplina (Dezembro 2010).

17. Qual foi o período de criação dos blogs?

Pessoal: Janeiro 2011 e Acadêmico: 2º semestre de 2010.

18. De que forma o conhecimento sobre blogs e a sua utilização, influencia na sua formação?

Eu me sinto mais à vontade para compartilhar idéias bem como acessar outros blogs para pesquisar assuntos do meu interesse.

19. Você acredita que o blog possui um potencial formativo? Em que sentido?

Sim, pois o blog necessita que o seu autor se exprima de uma forma autêntica e ao mesmo tempo que atinja todos os tipos de leitores, pois, em geral, é uma ferramenta na qual o autor desconhece o seu público alvo.

20. De que maneira a utilização de blogs contribui para a sua construção de conhecimento?

As ideias são compartilhadas ao permitir que os leitores do blog façam comentários no que foi postado, e essa ferramenta permite uma discussão saudável sobre o assunto.

21. Na sua práxis pedagógica, os blogs são utilizados como um “recurso pedagógico”, ou como uma “estratégia pedagógica”? Por quê?

Acredito adotá-lo como uma estratégia pedagógica, pois tanto o blog que criei na universidade a pedido de uma professora, quanto o blog que criei com uma turma no meu Estágio de Língua Portuguesa foi uma espécie de acervo de textos sobre o que foi feito em sala, as colaborações e as inferências.

22. Como você avalia a relação dos seus alunos com o blog? E qual a sua opinião com relação a este cenário?

Eles se sentiram desafiados ao exporem o seu trabalho de sala em uma ferramenta pública de acesso, e pediram então que a autoria fosse omitida. Eu respeitei a opinião deles e entendi, pois ainda não se sentem seguros suficiente para ter tamanha exposição de seus trabalhos. Acredito que esse é um aspecto a ser tratado a longo prazo, pois se os alunos fossem constantemente expostos a este tipo de atividade e com um suporte do professor, a confiança deles aumentaria e se sentiriam mais à vontade em assinarem seus textos no blog.

**Atenciosamente,
Obrigada pela participação!**

APÊNDICE C – Questionário aplicado ao Estudante Z

Universidade Federal da Bahia - UFBA
Faculdade de Educação - FACED
Curso: Pedagogia
Graduanda: Rosielle de Jesus Santos
Orientadora – Profª Raquel Bezerra

Caro informante,

Esse questionário tem como objetivo, identificar o perfil dos entrevistados, quanto a sua relação com a tecnologia e a sua compreensão e investigar a utilização dos blogs e suas implicações na sua formação. Ressaltamos que a identidade do informante será preservada e o uso das informações será estritamente acadêmico.

Questionário - 03**❖ Bloco 1: identificação**

Nome: Estudante Z

Curso: PEDAGOGIA

Semestre: CONCLUÍDO

Idade: 23

Assinale a(s) opção(s) de acordo com o seu grau de concordância.

❖ Bloco 2: o uso das tecnologias fora da universidade

1. Quais das tecnologias abaixo você utiliza fora da Universidade?

TV

DVD

Computador

Celular

Mp3, Pen Drive, USB...

Internet

2. Com que frequência você utiliza as tecnologias expostas na questão 01?

Sempre Às vezes Raramente Nunca

❖ **Bloco 3: sobre o uso das tecnologias na universidade**

3. A Faculdade dispõe de recursos tecnológicos?

Sim Não

4. Em sua opinião, quais recursos tecnológicos deveriam ser adotados com maior frequência pela faculdade para auxiliar o desenvolvimento das disciplinas?

Data Show TV DVD Retro Projetor Outros

5. Com que frequência os recursos tecnológicos são utilizados em sala de aula?

Sempre Às vezes Raramente Nunca

6. Entre os componentes curriculares (disciplinas) do seu curso na UFBA, quantas fizeram associação de ferramentas tecnológicas tais como blogs, listas de discussão, e-mails etc., à sua execução?

Uma disciplina Até três disciplinas Mais de três disciplinas

7. Os recursos tecnológicos oferecidos pelo seu curso são suficientes - em variedade e quantidade - para atender a demanda de atividades de estudantes e professores?

- Sim, os recursos são variados e suficientes.
 Sim, somente em variedade.
 Sim, somente em quantidade.
 Não.

8. **Existe uma cultura por parte dos professores em utilizá-los em suas aulas?**

Sempre Às vezes Raramente Nunca

9. **Os professores manifestam o desejo em agregar estes recursos às suas aulas?**

Sempre Às vezes Raramente Nunca

10. **Você acredita que os professores do curso possuem informações adequadas sobre a utilidade das TICs?**

- Sim, porém são poucos os que possuem.
- Sim, a maioria possui.
- Sim, todos possuem.
- Não.

11. **O que falta a faculdade para que seja incorporada a cultura digital no espaço acadêmico?**

- A aquisição de novos equipamentos.
- Capacitar os docentes para o uso dos equipamentos e ferramentas tecnológicas.
- Informativos, (seminários, cursos) para toda a comunidade acadêmica ressaltando a importância de integrar a tecnologia à educação.
- Mudança dos currículos, criando disciplinas que obrigatoriamente façam uso de ferramentas tecnológicas.
- Outros.

12. **Já fez uso do ambiente Moodle em alguma disciplina na FACED e/ou ADM?**

- Sim, em apenas uma disciplina.
- Sim, em até três disciplinas.
- Sim, em mais de três disciplinas.
- Não, nunca utilizei.

Não conheço o ambiente Moodle.

13. **A sua Universidade dispõe de laboratórios de informática para o uso de toda a comunidade acadêmica? Com que frequência você o utilizou?**

- Sim, utilizo-o sempre.
 Sim, porém nem sempre está disponível.
 Sim, mas raramente utilizo-o.
 Sim, mas não faço uso.
 Não dispõe.
 Não sei.

14. **Você já precisou utilizar as instalações de outra faculdade para usufruir de seus recursos tecnológicos?**

- Sim, quais(s) faculdade(s) de _____
 Não.

❖ **Bloco 4: sobre o uso de blogs**

15. **Quais foram as motivações para produção dos blogs ?**

15.1) **Blog pessoal**

Meu interesse pelo uso do blog surgiu a partir de uma disciplina oferecida como obrigatória: Tecnologias contemporâneas e Educação, a possibilidade de produzir e compartilhar conhecimento me atraiu bastante. Contudo depois dessa disciplina, apenas uma tentou fazer uso deste recurso, mas não funcionou muito bem.

15.2) **Blog acadêmico**

Como o que me despertou o interesse foi uma disciplina, resolvi escrever sobre a minha realidade no momento trocando experiências com colegas. Acredito que é uma forma de fixar o conhecimento e colaborar com a aprendizagem de outros.

16. **Com que frequência você atualiza os seus blogs ? Porquê?**

Procuro atualizar semanalmente, pois acredito que deva ser sempre alimentado com novas informações para entreter os seguidores/acompanhantes, embora eu não esteja atualizando com esta frequência no momento.

17. **Qual foi o período de criação dos blogs?**

Durou aproximadamente 1 mês e depois fui melhorando, colocando templates, enfim, deixando com a minha cara.

18. De que forma o conhecimento sobre blogs e a sua utilização , influencia na sua formação?

Influenciou positivamente, na medida em que pude tomar conhecimento das novas tecnologias e me inserir nesse ambiente tão dinâmico que é a rede, ele me possibilitou várias aprendizagens.

19. Você acredita que o blog possui um potencial formativo? Em que sentido?

Sim, em todos os sentidos. Além de ser um recurso mais atual, permite uma interação maior do que os recursos tradicionais, visto que nos conecta à milhares de pessoas, isso sem contar que podemos englobar nele uma série de outros conteúdos digitais: vídeos, áudio, jogos, enfim, muita coisa boa.

20. De que maneira a utilização de blogs contribui para a sua construção de conhecimento?

A partir do momento em que nos dedicamos á um blog somos forçados a pesquisar, refletir e redigir de forma crítico – argumentativa o que já acrescenta bastante, mas não para aí, dependemos das impressões dos nossos leitores o que acaba fazendo que que produzamos juntos e com que construamos novos conhecimentos a partir dessa troca.

**Atenciosamente
Obrigada pela participação!**